



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**BRASILEIROS NO CAMPO DE CENTEIO:
UMA ANÁLISE DA RECEPÇÃO DO ROMANCE DE J.D. SALINGER PELOS
LEITORES CONTEMPORÂNEOS**

Luciana Aché Taveira Cavalcante

Rio de Janeiro/RJ
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

BRASILEIROS NO CAMPO DE CENTEIO:
UMA ANÁLISE DA RECEPÇÃO DO ROMANCE DE J.D. SALINGER PELOS
LEITORES CONTEMPORÂNEOS

Luciana Aché Taveira Cavalcante

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Produção Editorial.

Orientador: Prof. Dr. Mário Feijó

Rio de Janeiro/RJ

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C376 Cavalcante, Luciana Aché Taveira
Brasileiro no Campo de Centeio: uma análise da recepção do
romance de J.D. Sainger pelos leitores contemporâneos / Luciana Aché
Taveira Cavalcante. - 2018.
70 f.: il.

Orientador: Prof. Mário Feijó

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Escola de Comunicação, Habilitação Produção Editorial, Rio de Janeiro,
2018.

1. Livros e leitura. 2. Produção editorial. 3. Literatura americana. I.
Feijó, Mário. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de
Comunicação.

CDD: 028.9

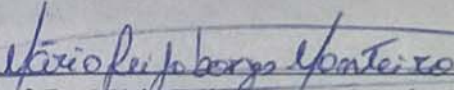
Elaborada por: Érica dos Santos Resende CRB-7/5105

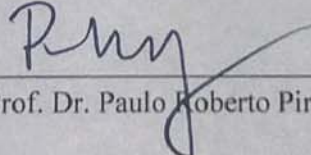
**BRASILEIROS NO CAMPO DE CENTEIO: UMA ANÁLISE DA RECEPÇÃO
DO ROMANCE DE J.D. SALINGER PELOS LEITORES CONTEMPORÂNEOS**

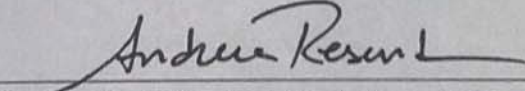
Luciana Aché Taveira Cavalcante

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Produção Editorial.

Aprovado por


Prof. Dr. Mário Feijó Borges Monteiro – orientador


Prof. Dr. Paulo Roberto Pires


Prof. Ms. Andréia de Resende Barreto Vianna

Aprovada em:

28/06/2018

Grau:

9,0

Rio de Janeiro/ RJ

2018

Dedico este trabalho a meus avós, Gilda e Carlos César (*in memoriam*), primeiros responsáveis por me fazer gostar de ler, que sempre foram e sempre serão meus maiores exemplos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao professor Mário Feijó, que, além de ter sido um verdadeiro anjo ao longo dos meus muitos anos de faculdade, resolvendo cada imbróglio que surgia no SIGA com gentileza e agilidade extraordinárias, aceitou me orientar, desempenhando essa tarefa com dedicação e paciência inigualáveis. Cada sugestão e cada incentivo ao longo do caminho foram essenciais. Muito obrigada!

À professora Isabel Travancas, agradeço pelos conselhos muito valiosos que ofereceu nos primeiros passos deste trabalho e, que, sem dúvida, foram fundamentais para me ajudar a desenvolver as bases da minha monografia.

A meus pais, pelo amor incondicional e, especialmente, à minha mãe, por ter sido meu alicerce ao longo de toda a vida.

Ao Bruno, mais que um companheiro, meu melhor amigo, por todo o carinho e apoio, por me lembrar da importância de manter o pensamento positivo e acreditar na minha capacidade.

À Luciana Camargo, por me ajudar a permanecer sã e centrada durante períodos de sobrecarga.

Ao professor Artur, que me apresentou a Holden e Salinger nas aulas de literatura do ensino médio, minha sincera gratidão.

E, por fim, agradeço às pessoas que gentilmente cederam um pouco de seu tempo para responder à minha pesquisa, tornando este trabalho possível.

“Bom mesmo é o livro que quando a gente acaba de ler fica querendo ser um grande amigo do autor, para se poder telefonar para ele toda vez que der vontade. Mas isso é raro de acontecer.”

O Apanhador no Campo de Centeio

J.D. Salinger

CAVALCANTE, Luciana Aché Taveira. **Brasileiros no Campo de Centeio**: uma análise da recepção do romance de J.D. Sainger pelos leitores contemporâneos. Orientador: Mário Feijó Borges Monteiro. Rio de Janeiro/RJ, 2018. Monografia (Graduação em Produção Editorial) – Escola de Comunicação, UFRJ. 70f.

RESUMO

No presente trabalho, desenvolveremos uma análise da recepção do romance “O Apanhador no Campo de Centeio”, de J.D. Salinger, pelos leitores brasileiros contemporâneos. Por meio de uma revisão da literatura, da apreciação de resenhas publicadas em comunidades dedicadas à discussão sobre livros e de um questionário elaborado por nós e respondido por voluntários, buscamos investigar, com base em teorias da Estética da Recepção, os motivos que levam a obra, escrita há mais de meio século, a continuar sendo tão apreciada por um grande número de jovens em um cenário tão diverso do original. Nesse sentido, procuraremos compreender em que medida o perfil do protagonista Holden Caulfield teria sido traçado como reflexo de uma época e em que medida, na realidade, o contexto histórico que funcionou como pano de fundo não é tão relevante para a recepção da obra, tendo em vista que muitos dos conflitos apresentados pelo personagem se mantêm atuais ao longo de gerações, havendo identificação em jovens de diferentes nacionalidades até os dias de hoje.

Palavras-chaves: Comunicação social; Produção Editorial; Literatura americana; Estética da Recepção; J.D. Salinger, O Apanhador no Campo de Centeio; Século XXI; Leitores brasileiros

ABSTRACT

In the present work, we will develop an analysis of the reception of the novel "The Catcher in the Rye", by J.D. Salinger, by the contemporary Brazilian readers. Through a review of the literature, an analysis of reviews published in communities dedicated to the discussion of books and a questionnaire prepared by us and answered by volunteers, we seek to investigate, based on theories of Aesthetic Response, the reasons that lead to the book, written more than half a century ago, to continue being so appreciated by a large number of young people in a setting so different from the original. In this sense, we will try to understand to what extent the characteristics of the protagonist Holden Caulfield would have been outlined as a reflection of a time and to what extent, in fact, the historical context that worked as background is not so relevant for the reception of the work, given the fact that many of the conflicts presented by the character remain prevailing for generations, causing young people from different nationalities to find identification up until this day.

Palavras-chaves: Social communication; Editorial production; American Literature; Reception aesthetics; J.D. Salinger, The Catcher in the Rye; XXI century; Brazilian readers

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O APANHADOR NO CAMPO DE CENTEIO: UM CLÁSSICO CONTEMPORÂNEO MUNDIAL	12
2.2. VIDA E OBRA DE J.D. SALINGER.....	13
2.3. BREVE PANORAMA DA PUBLICAÇÃO.....	16
2.4. CONHECENDO HOLDEN CAULFIELD.....	17
3. A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO APLICADA À LITERATURA	21
3.1 HANS ROBERT JAUSS.....	23
3.2 WOLFGANG ISER.....	25
4. ANÁLISE DA RECEPÇÃO DE “O APANHADOR NO CAMPO DE CENTEIO”	26
4.1 BRASILEIROS NO CAMPO DE CENTEIO: A RECEPÇÃO D’O APANHADOR PELOS LEITORES CONTEMPORÂNEOS.....	28
4.1.1 Resenhas críticas de leitores nacionais.....	29
4.1.2 Pesquisa de recepção entre leitores brasileiros.....	34
4.2.2 Análise das respostas.....	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A - Textos de capa da 1ª edição de O Apanhador no Campo de Centeio	51
ANEXO B - Críticas publicadas nos EUA	54
ANEXO C - Críticas publicadas no Brasil	55

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A - Reprodução das perguntas feitas na pesquisa de recepção	59
APÊNDICE B - Reprodução integral das respostas fornecidas pelos entrevistados	61

1. INTRODUÇÃO

Primeiro romance e obra de maior sucesso de Jerome David Salinger, *O Apanhador no Campo de Centeio* foi um best-seller na época de sua publicação. Mas o que chama atenção, sendo o alvo de nossa pesquisa, é o fato de que mais de meio século após ter sido escrito, o livro permanece frequentando as prateleiras de jovens leitores, tornando-se uma das obras favoritas de muitos deles, que fazem questão de indicar a leitura a seus amigos.

No presente trabalho, temos como objetivo analisar a recepção de *O Apanhador no Campo de Centeio* por parte dos leitores brasileiros contemporâneos e compreender os motivos que têm levado a obra seguir sendo considerada não apenas um clássico mundial, mas um “clássico pessoal” de tantos leitores, enquanto tantas outras obras de temática semelhante – publicadas na mesma época ou mais recentemente – caíram no esquecimento. Nesse sentido, nossos objetivos específicos seriam: realizar uma análise do perfil psicológico do protagonista da obra; traçar um paralelo entre as pressões impostas aos jovens em processo de passagem para a vida adulta retratadas no contexto da obra analisada e no contexto da época em que o livro foi originalmente publicado, bem como as pressões existentes nos dias de hoje; pesquisar, junto a jovens e adolescentes de hoje, em que medida se identificam com alguns dos conflitos vivenciados pelo protagonista da obra; revisar a bibliografia acerca da estética da recepção no campo da literatura e, a partir daí, investigar a recepção da obra por parte dos brasileiros.

Acreditamos na relevância desta pesquisa na medida em que não há muitos estudos nesse sentido. Ao fazermos uma busca, encontramos alguns trabalhos que tratam sobre a recepção da obra de Salinger, porém, todos foram conduzidos por autores estrangeiros e não localizamos nenhum que se dedicasse aos leitores brasileiros. Considerando que a obra retrata um contexto bastante específico e que pode-se considerar surpreendente que *O Apanhador* siga fazendo tanto sucesso em um país e em uma época tão diversos do cenário original, acreditamos ser interessante propor uma análise da recepção da obra a partir deste novo ponto de vista.

Para isso, iniciaremos o trabalho com uma breve contextualização. No capítulo 2, apresentaremos um panorama geral e discutiremos a noção de “clássico” proposta por Italo Calvino. A seguir, faremos um breve resumo da vida e obra do autor, J.D. Salinger, trazendo,

ainda, alguns dados acerca da aceitação da obra por parte da crítica e dos leitores, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, na época de sua publicação, e fecharemos este capítulo inicial traçando um breve perfil de Holden Caulfield, protagonista do romance.

No capítulo 3, nos debruçaremos sobre fundamentação teórica, focando especialmente em Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser – dois dos principais teóricos da estética da recepção – e, no capítulo 4, nos dedicaremos à análise da recepção propriamente dita, iniciando com um breve perfil dos leitores no cenário histórico-social em que a obra foi lançada e, a seguir, investigando a recepção no âmbito nacional contemporâneo. Para tal, iremos examinar resenhas de leitores classificadas entre as mais “curtidas” e mais comentadas publicadas no site Skoob (uma rede social brasileira totalmente dedicada a livros), bem como analisaremos os dados coletados por meio de uma pesquisa de opinião conduzida com um grupo de voluntários que respondeu a uma série de questões específicas acerca da obra e de suas impressões pessoais.

Por fim, apresentaremos algumas conclusões a que acreditamos ser possível chegar a partir de toda a análise desenvolvida.

2. O APANHADOR NO CAMPO DE CENTEIO: UM CLÁSSICO CONTEMPORÂNEO MUNDIAL

Lançado nos Estados Unidos em 1951, durante muitos anos *O Apanhador no Campo de Centeio* foi considerado um livro que retratava os sentimentos da juventude americana pós-Segunda Guerra Mundial. Com base nessa ideia, seria natural que, após um período de sucesso, estivesse fadado a cair em esquecimento, como já aconteceu com diversas obras ao longo da história; não seria de se estranhar, também, que seu sucesso ficasse mais restrito aos Estados Unidos, considerando que, em tese, o texto expressava o reflexo de uma geração especificamente inserida naquela localidade e contexto social. O que vemos, porém, é bem diferente, pois cerca de cinco gerações mais tarde, a obra continua frequentando as prateleiras em inúmeros países, incluindo o Brasil.

Em *Por que ler os clássicos*, Italo Calvino traz uma proposta inovadora para a definição do que seria um clássico literário. O autor fala de clássicos sem fazer distinções relativas a antiguidade, estilo ou autoridade, sustentando a tese de que existe uma série de outras características que podem fazer com que um livro venha a ser considerado um clássico – seja para um indivíduo em particular ou para uma coletividade.

Segundo Calvino, clássicos são aqueles textos que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado, que “exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual”. São livros que, possivelmente, não terminaram de dizer aquilo que tinham para dizer ou, ainda, que “chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)”. Nesse sentido, o autor faz questão de ressaltar que tudo isso vale tanto para as obras antigas quanto para as mais modernas e que, para funcionar como clássico, é preciso que acenda uma centelha, estabelecendo uma relação pessoal com quem a lê.

Conforme mencionado, embora tenha sido publicado em local, época e contexto histórico e sociocultural bastante específicos, não restam dúvidas de que, no decorrer dos anos que se seguiram à sua publicação, *O Apanhador no Campo de Centeio* tornou-se o clássico pessoal de milhares de jovens e adolescentes – fato que, creio, teria ocorrido

independentemente de o livro ter sido bem recebido pela crítica, posto que a tal centelha de identificação entre leitor e o livro que se torna “seu” clássico não se prende a esses detalhes.

Nas palavras de Italo Calvino, o clássico

não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber) mas desconhecíamos que ele o dissera primeiro (ou que de algum modo se liga a ele de maneira particular). E mesmo esta é uma surpresa que dá muita satisfação, como sempre dá a descoberta de uma origem, de uma relação, de uma pertinência. (CALVINO, 2009, p. 12)

Quanto ao romance de J.D. Salinger e seus leitores, é fácil perceber que, frequentemente, grande parte das premissas mencionadas se aplica, tendo a obra se consagrado como um clássico da literatura contemporânea.

Os fatores causadores do esgotamento de Holden Caulfield, personagem principal da trama, não ficam limitados geográfica ou historicamente. A obra apresenta sentimentos experimentados por muitos jovens ao redor de todo o mundo que, ao vivenciarem o processo de amadurecimento e transição da adolescência, podem passar por dúvidas e crises, não raro subestimadas e minimizadas pelos adultos. Nesse sentido, podemos propor um questionamento: até que ponto a conjunção formada pela atmosfera social da época poderia ser apontada como um fator influenciador na formação do perfil do personagem, resultando em seu surto, e até que ponto tais tribulações são naturais à maioria dos adolescentes em qualquer época e lugar? A partir daí, é possível investigar algumas teorias relacionadas à estética da recepção, no sentido de integração do leitor no processo de produção pessoal de significados, para tentar entender os motivos que levam tantos leitores de diferentes gerações e nacionalidades – em especial, os jovens brasileiros – a se identificarem e terem *O Apanhador no Campo de Centeio* como um de seus clássicos atemporais.

2.2. VIDA E OBRA DE J.D. SALINGER

Segundo filho de um judeu comerciante e uma irlandesa nascida católica e convertida ao judaísmo, Jerome David Salinger nasceu em janeiro de 1919 em Manhattan, Estados Unidos. Naquele inverno, a Sra. Salinger deu à luz um menino saudável após ter sofrido uma série de abortos e, possivelmente, este histórico de perdas gestacionais foi um fator

determinante para as tendências à superproteção e leniência que desenvolveu em relação a esse filho. O pai, por sua vez, sentia que precisava se empenhar para dar ao garoto as noções de disciplina, sem, no entanto, irritar a esposa, que nunca deixou de cobrir de mimos o jovem Sonny – como era chamado pela família – ao longo de toda a vida.

Desde bastante jovem, Salinger já manifestava o desejo de se tornar ator ou escritor, mas, se por um lado, a mãe acreditava totalmente em seu talento, o pai não demonstrava a mesma compreensão e não aceitava bem a ideia. Certamente não por falta de inteligência, mas por falta de empenho, durante a vida escolar o garoto foi um aluno medíocre e, nas instituições públicas de ensino, suas notas eram suficientes apenas para passar de ano, ficando frequentemente entre os piores colocados da turma.¹ Por volta dos 13 anos de idade, seus pais decidiram matriculá-lo em um colégio particular, com o objetivo de oferecer a ele uma melhor educação. Na McBurney School, além de ter se tornado capitão da equipe de esgrima, Salinger desenvolveu um interesse ainda maior pelo teatro, apresentando-se em peças da escola, e pela escrita, tomando parte no jornal estudantil. No entanto, seu desempenho nas provas continuava fraco e, apesar de suas notas não serem péssimas,² em uma escola particular na qual a média obtida pelo estudante influía no custeio dos estudos, seu boletim não era aceitável e, em 1934, a direção da McBurney acabou solicitando que ele não fosse rematriculado.

Aos 16 anos, Salinger queria estudar arte dramática, mas com a grande Depressão dos EUA ainda à espreita, seu pai se opôs a que ele virasse ator e, decidindo que o filho precisava de mais disciplina, o jovem foi enviado a um internato militar. Depois de ter sido mimado pela mãe durante boa parte da vida, dando pouca atenção às eventuais regras que lhe eram impostas, o ingresso na vida militar de disciplina rígida certamente foi um choque para o rapaz. Sozinho e sem o apoio da família pela primeira vez, Salinger se refugiou nos sarcamos e em uma aparente indiferença.³ Não é difícil perceber que, mais tarde, suas experiências nas instituições de ensino que frequentou forneceram forte influência e inspiração para escrever *O Apanhador no Campo de Centeio*.

Embora tenha passado por três universidades diferentes (New York University, Ursinus College e Columbia), Jerome nunca concluiu um curso superior, abandonando todos

1 SLAWENSKI, Kenneth. *Salinger, uma vida*. São Paulo: Leya Editora, 2010, p. 18.

2 No ano escolar de 1932-1933, Salinger tirou 80 em inglês, 77 em biologia e 66 em latim. No período letivo seguinte, 72 em inglês, 71 em latim, 70 em alemão e 68 em geometria. (SLAWENSKI, 2010, p. 18).

3 *Ibid.*, p. 21.

no meio do caminho. Apesar da inteligência e de seu claro talento para a escrita – chegando a ter contos publicados em revistas desde 1939 –, o rapaz parecia ter aversão à educação formal, recusando-se a colocar o devido empenho nos estudos e demonstrando a total falta de interesse em seguir a carreira acadêmica.

Em abril de 1942, contando com 23 anos de idade, Salinger recebeu uma convocação para o serviço militar. Sua estreia nos campos de batalha deu-se em pleno “Dia D” (6 de junho de 1944), desembarcando na praia de Utah. Mais tarde, revelou que, neste dia, carregava consigo seis capítulos de *O Apanhador no Campo de Centeio*. Segundo ele, ao levar o manuscrito, tinha dois objetivos: o de que servisse como uma forma de amuleto e o de dar a ele a sensação de que tinha uma razão para sobreviver, isto é, concluir e publicar a obra.

Tendo atuado em cinco campanhas, J.D. chegou a ser hospitalizado por algumas semanas devido a uma reação de estresse causada pelo combate. Não há dúvidas de que a guerra o marcou profundamente e o afetou emocionalmente, o que pode, inclusive, ser percebido através de vários de seus textos.⁴

Ao longo de sua trajetória como escritor, Salinger publicou uma enorme quantidade de contos; *O Apanhador no Campo de Centeio* foi seu primeiro e único romance, alcançando enorme reconhecimento não só nos Estados Unidos, mas praticamente em todo o mundo. Após a publicação desta obra, entretanto, no auge de seu sucesso, o autor se recolheu e passou a viver praticamente em isolamento, recusando-se a dar entrevistas e evitando ao máximo aparecer na mídia de qualquer forma.

É curioso observar que J.D. Salinger seguia uma filosofia religiosa próxima ao budismo, o Vedanta, à qual, a partir do final dos anos 1940, passou a se dedicar cada vez mais. Há quem especule que sua reclusão após o sucesso de *O Apanhador* foi uma forma, encontrada por ele, de cumprir os estágios finais de sua doutrina religiosa, mas não há quaisquer registros ou indícios oficiais de que tenha sido esse o caso.

Cabe ressaltar, entretanto, que apesar de seu estilo de vida quase eremita e do fato de que a última vez que publicou algo foi em 1965, Salinger continuou escrevendo ao longo dos anos que se seguiram e, ainda hoje, existem textos de sua autoria que permanecem guardados.

4 A título de exemplo, podemos citar os contos *Um dia ideal para peixes-banana* e *Para Esmé, com amor e sordidez*, ambos publicados no livro “Nove Estórias” (Little, Brown, 1953. 2ª ed. brasileira, Editora do autor, 1969), como claras demonstrações desse fato, tendo em vista que os personagens centrais destes textos são justamente soldados traumatizados ou afetados por estresse pós-traumático.

2.3. BREVE PANORAMA DA PUBLICAÇÃO

Embora tenha começado a ser escrito antes da convocação de Salinger para a guerra, *O Apanhador no Campo de Centeio* levou cerca de uma década para ser concluído, e, após passar por algumas rejeições, foi publicado pela *Little, Brown* em 16 de julho de 1951. A edição de lançamento, com o desenho de um cavalo de carrossel vermelho ilustrando a capa dura, custava 3 dólares e trazia uma sobrecapa cujo texto de orelha havia sido escrito pelo próprio Salinger (ANEXO A), bem como uma foto do autor. As excentricidades de sua personalidade, no entanto, começaram a aparecer logo cedo: durante a preparação para o lançamento da primeira edição do livro, ele solicitou que a editora não enviasse nenhum exemplar a jornais e revistas. Como algumas cópias já haviam sido remetidas antes de o autor manifestar essa exigência, ele determinou a seus editores que não lhe encaminhassem quaisquer resenhas do livro que porventura fossem redigidas (ANEXO B), deixando claro que não desejava que fosse feito qualquer tipo de publicidade. Antes da impressão da 3ª edição, Salinger solicitou à *Little, Brown* que sua foto fosse removida.

Não obstante a identificação quase imediata de grande parte dos jovens de uma geração insatisfeita com as expectativas que lhes eram impostas,⁵ nos dois anos seguintes à publicação, *O Apanhador* começou a ser proibido e, em 1963, foi apontado como o livro mais censurado dos Estados Unidos.⁶ Tais cerceamentos tinham por base não apenas as críticas à linguagem mais popular, que incluía algumas expressões e palavras de baixo calão, mas também a um suposto espírito antiamericano presente na obra.⁷ Entretanto, nem a censura conseguiu jogar no ostracismo o livro que foi sucesso mundial, vendendo cerca de 65 milhões de cópias até hoje.

No Brasil, após ser recusado pela editora Civilização Brasileira - que, na época, era uma das casas editoriais de maior relevância do nosso país, publicando o que havia de mais importante na literatura moderna brasileira, bem como uma grande variedade de traduções,

5 SHIELDS; SHANE, 2014, p. 276.

6 Pamela Hunt Steile afirma que, embora seja um dos romances mais presentes nas listas de leituras do ensino médio de escolas americanas, é também uma das obras mais censuradas, ressaltando que professores chegaram a ser demitidos por incluir o romance no programa de seus cursos. (STEILE, Pamela Hunt *In cold fear: The Catcher in the Rye, censorship, controversies and postwar american characters*. Columbus: Ohio State University Press, 2000 *apud*. SHIELDS; SHANE, 2014, p. 280).

7 *Ibid*, p. 280.

incluindo ficção de alto nível e best-sellers⁸ -, por ser considerado pelo editor Ênio da Silveira como “difícil de conquistar o gosto brasileiro”,⁹ *O Apanhador no Campo de Centeio* foi publicado em 1965, com tradução dos diplomatas Álvaro Alencar, Antônio Rocha e Jorio Dauster, pela Editora do Autor, fundada em 1960 por Fernando Sabino, Rubem Braga e Walter Acosta. Na época, Sabino teria considerado que o livro era “um vencedor certo”¹⁰, o que, de fato, parece ter se confirmado, tendo em vista que, não apenas o livro recebeu críticas positivas da imprensa especializada desde o ano de seu lançamento por aqui (ANEXO C), como foi, de fato, bem recebido pelo público nacional, considerando que a mesma editora que publicou sua primeira edição se mantém até hoje tendo este romance como principal entre os três únicos títulos de seu catálogo (sendo as outras obras – *Franny & Zoey* e *Nove Estórias* – também da autoria de J.D. Salinger).¹¹ Reimpresso de tempos em tempos, *O Apanhador no Campo de Centeio* conta atualmente com mais de 350 mil cópias vendidas em nosso país.

2.4 CONHECENDO HOLDEN CAULFIELD

Em *O Apanhador no Campo de Centeio*, somos apresentados a Holden Caulfield,¹² um jovem de aproximadamente 17 anos que encontra-se internado após sofrer um esgotamento nervoso. Ele, então, começa a narrar para o leitor as situações que o levaram a parar ali, partindo do momento em que, às vésperas do Natal, sabe que está prestes a ser expulso do Internato Pencey – um colégio “de elite” para rapazes. Conforme os fatos vão se desenrolando, entendemos que esta não seria a primeira expulsão escolar sofrida pelo rapaz, e que isso se deve ao seu mau rendimento nos estudos.

Em uma conversa com seu professor de História (o “velho Sr. Spencer”, com quem tem uma relação cordial e até mesmo afetuosa) antes de deixar o colégio, podemos inferir que

8 HALLEWELL, p. 447

9 HALLEWELL, 1985, p. 449.

10 Ibid.

11 COZER, Raquel. Escritor J.D. Salinger é o único nome da histórica editora do autor. **Folha de S. Paulo**. São Paulo: 12 de janeiro de 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/01/1399319-escritor-jd-salinger-e-o-unico-nome-da-historica-editora-do-autor.shtml>>. Acesso em: 05 de abril de 2017.

12 Antes de se tornar conhecido como personagem principal do romance, Holden Caulfield apareceu em outros contos de Salinger. O primeiro deles, “I’m Crazy”, publicado em dezembro de 1945 na revista *Collier's*, teria sido uma espécie de esboço do que mais tarde viria a se tornar um dos capítulos do romance.

as notas baixas de Holden não têm nenhuma relação com uma possível deficiência intelectual, mas simplesmente refletem sua falta de interesse e motivação.

Com o objetivo de ao menos postergar o choque e a reação negativa de seus pais, o garoto decide abandonar o colégio poucos dias antes do término oficial do período letivo, de modo a poder chegar em casa antes do Natal e “interceptar” a carta contendo o comunicado de sua expulsão. Assim, a história se desenrola ao longo de um final de semana em Nova York, nesse trajeto de volta para casa.

Embora encontre e interaja com outras pessoas nesse caminho, não estando de fato sozinho, é possível perceber que o jovem é um tanto quanto solitário e, de certa forma, se isola do resto do mundo. Poucas são as pessoas que ele admira e, dentre elas, estão sua irmã caçula Phoebe e um outro irmão que faleceu – duas figuras que coloca praticamente em um pedestal. Já em relação à grande maioria das pessoas, ele parece ter um sentimento de desprezo, criticando o comportamento dos colegas, apontando os adultos como hipócritas, reclamando de tudo e de todos.

Num primeiro momento, temos a impressão de que ele se acha um indivíduo superior, porém, olhando mais de perto e conforme o personagem vai “se abrindo” mais com o leitor, podemos observar que Holden, na realidade, é apenas um adolescente confuso, procurando seu lugar no mundo, que detesta a escola e não vê sentido em continuar estudando, mas a opção que o espera se não voltar a estudar – isto é, começar a trabalhar – também não lhe parece convidativa e que, basicamente, procura mascarar sua insegurança com a pose de autoconfiança e assertividade. Aparentemente, o jovem sempre tem algum plano de realizar grandes feitos, mas muda de ideia constantemente e suas intenções acabam nunca se transformando em ação. Em determinado momento, ele mesmo afirma ser um “mentiroso patológico” e um covarde. No que diz respeito a esse sentimento de inadequação ao papel social esperado aliado a certo “senso de moral” particular – aquilo que considera que seria uma existência diferente de toda a falsidade que criticava –, podemos destacar um trecho (que, a propósito, dá origem ao título do livro) em que ocorre o seguinte diálogo entre Holden e sua irmã caçula:

[Phoebe] “(...) Então diz outro troço. Uma coisa que você quer ser. Assim como cientista... Ou advogado, ou coisa parecida.”

[Holden] “Eu não podia ser cientista. Não sou bom em ciências.”

[Phoebe] “Então advogado, igual ao papai e tudo.”

[Holden] “Não tenho nada contra os advogados, mas o negócio não me atrai. Até que é bacana quando um advogado está sempre salvando a vida dos sujeitos inocentes e coisas assim, mas um cara que é advogado não faz *nada* disso. Só faz ganhar um dinheirão e jogar golfe, e jogar *bridge*, e comprar carros, e beber martinis, e fazer pinta de bacana. Mesmo se a gente *salvasse* as vidas dos sujeitos e tudo, como é que ia saber se estava fazendo o troço porque queria *mesmo* salvar a vida deles, ou porque queria era ser um advogado bom pra burro, pra todo mundo bater nas costas da gente e dar parabéns no tribunal quando acaba a porcaria do julgamento, os repórteres e tudo, como aparece na droga dos filmes? Como é que eu ia saber se não era na verdade um cretino? O problema é que eu *não* ia saber. (...) Sabe o que é que eu queria ser? Se pudesse fazer a merda da escolha? Você conhece aquela cantiga ‘se alguém agarra alguém atravessando o campo de centeio’? (...) Seja lá como for, fico imaginando uma porção de garotinhos brincando de alguma coisa num baita campo de centeio e tudo. Milhares de garotinhos e ninguém por perto – quer dizer, ninguém grande – a não ser eu. E eu fico na beirada de um precipício maluco. Sabe o que eu tenho de fazer? Tenho que agarrar todo mundo que vai cair no abismo. Quer dizer, se um deles começar a correr sem olhar onde está indo, eu tenho que aparecer de algum canto e agarrar o garoto. Só isso que eu ia fazer o dia todo. Ia ser só o apanhador no campo de centeio e tudo. Sei que é maluquice, mas é a única coisa que eu queria fazer.”

(*O Apanhador no Campo de Centeio*, pp. 167-168)

Em poucos dias, a pressão parece ser demais para ele e o jovem entra em uma espécie de surto, passando uma noite inteira em claro, caminhando pelas ruas até o amanhecer e, cada vez que desce do meio-fio para atravessar a rua, tem a sensação de que irá desaparecer no meio do caminho e não conseguirá chegar até o outro lado. Em meio a este delírio, começa a “falar” com o irmão morto, pedindo que não o deixe desaparecer e agradecendo a ele cada vez que chega à outra calçada. Nesse momento, Holden decide nunca mais voltar para casa ou voltar a frequentar qualquer colégio. Em vez disso, o garoto planeja viajar para o oeste, pedindo carona nas estradas, para, então, passar a viver em um lugar onde não conheça e não seja conhecido por ninguém, onde poderia fingir ser surdo-mudo, de modo que não precisasse ter “nenhuma conversa imbecil e inútil com ninguém” e poderia viver em paz, sozinho.

Antes de “ir embora de vez”, no entanto, Holden quer se despedir da irmãzinha e marca um encontro com a menina no museu. Ao encontrá-lo, Phoebe carrega uma mala e diz que vai com ele – o que deixa Holden chocado. Os dois discutem e, para sossegar a irmã, o garoto diz que não vai mais embora e a leva para passear no zoológico. Ainda ressabiada, a menina pergunta se é verdade que ele desistiu de partir e Holden assegura a ela e ao leitor que, sim, de fato, mudou de ideia. Enquanto a garotinha dá voltas no carrossel, ele fica em pé sob a chuva torrencial, admirando a beleza da irmã e sentindo-se “a ponto de chorar de tão feliz”. Por fim, Holden relata que voltou para casa depois daquele momento, mas que não tem a menor vontade de contar o que aconteceu em seguida, levando-o a ser internado. Explica que está

fazendo terapia, que “todo mundo fica fazendo uma porção de perguntas” e que, de certa forma, se arrepende de ter contado toda essa história a tanta gente, porque mal termina de contar, já sente saudade de todos os envolvidos.

Podemos perceber que Holden é um adolescente que está passando por um momento de tomada de decisões, em que precisa dar um rumo a sua vida, encontrar sua posição na sociedade e sua identidade enquanto indivíduo, mas sofre com sentimentos de inadequação, não convencionalidade e, conseqüentemente, insegurança, devidamente escondidos sob uma máscara de autossuficiência.

Ao longo da obra, temos a sensação de que Holden tem dificuldades em manter uma amizade forte e sincera com quem quer que seja. Em um primeiro momento, podemos até ter a impressão de que ele se vê como superior, devido ao fato de estar constantemente criticando as pessoas de seu convívio. No entanto, um olhar mais cuidadoso pode nos levar a refletir sobre a sensação de desconformidade, estranheza e não-pertencimento que, nas entrelinhas, o personagem demonstra sofrer. Holden não consegue se conformar e aceitar as inúmeras máscaras sociais, valores e comportamentos impostos pela sociedade na qual está inserido, não sendo capaz de deixar de perceber e de se incomodar com a hipocrisia, o fingimento e a superficialidade ao seu redor. Ele sofre por não ter nenhum pendor para a vida acadêmica, mal tolerando a escola e chegando a se imaginar em um emprego como frentista em posto de gasolina (de modo que pudesse simplesmente abastecer os carros sem precisar interagir muito, ganhar seu dinheiro, e viver uma vida sossegada numa cabana), enquanto, no fundo, parece haver certa expectativa de que ele siga uma carreira “importante”, como seu pai, por exemplo, que é advogado – o que, para Holden, não tem o menor apelo. Podemos ver na história um claro desconforto com o papel social que se espera dele e, pouco a pouco, essa angústia começa a minar sua sanidade mental.

É possível observar que os temas centrais de *O Apanhador no Campo de Centeio* giram, principalmente, em torno dos sentimentos de alienação social e frustração frequentemente desencadeados durante a passagem pela adolescência, e os problemas vivenciados pelo personagem podem ser considerados atemporais. Os jovens em geral terão de enfrentar dilemas ao longo de seu processo de amadurecimento e Salinger conseguiu retratar esse tipo de experiência com muito realismo e uma boa dose de emoção.

3. A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO APLICADA À LITERATURA

No presente capítulo apresentaremos algumas das ideias fundamentais propostas por grandes teóricos da Estética da Recepção, que consiste, em linhas gerais, num conjunto de estudos que consideram a relação interdependente entre autor, obra e leitor, enfatizando a importância da interpretação de cada receptor na construção do sentido de uma obra. Esta fundamentação teórica será importante ao analisarmos, nos próximos capítulos, a recepção do livro *O Apanhador no Campo de Centeio* pelos leitores brasileiros.

Antes de nos debruçarmos sobre as teses de Jauss e Iser, no entanto, vejamos um panorama geral acerca da ideia de recepção aplicada ao campo da Literatura.

De acordo com George Steiner, um dos mais renomados críticos e teóricos literários da atualidade, todo ato de recepção é um ato comparativo e, em especial, ler é comparar. Segundo ele,

No processo de percepção e reação para tornarmos algo inteligível inexistem a inocência absoluta; não nos encontramos despidos como Adão diante do universo. A interpretação e o julgamento estético, por mais espontânea que seja sua expressão, por mais provisórios ou equivocados que possam ser, advêm de uma câmara de ecos onde ressoam os pressupostos históricos, sociais e técnicos que informam o reconhecimento. (STEINER, 1994, p. 151)

Assim, ao nos depararmos com um novo objeto de conhecimento – seja ele um texto, uma peça de arte ou uma sinfonia, por exemplo, – intuitivamente procuramos analogias, precedentes e traços familiares que possam situar a obra, inserindo-a em um contexto inteligível e informativo de experiências prévias, de modo a podermos conhecê-la.

O teórico sustenta, ainda, que, conforme sugerido pelo poeta e crítico literário Ezra Pound, o conceito de “novo” é comparativo tanto em sua lógica quanto em sua essência. Steiner, então, propõe o seguinte questionamento:

Novo em relação a quê? Não existem “singularidades absolutas” nem mesmo no que há de mais revolucionário. Nesse processo dinâmico chamado “hermenêutica”, talvez por ser Hermes o deus das mensagens e da ficção, a comparação está implícita. De que maneira esse romance ou essa sinfonia se relaciona ao que já lemos ou ouvimos antes e às nossas expectativas em relação a essa forma de expressão? (STEINER, 1994, p. 151)

Há, ainda, estudiosos do tema que sustentam que a ênfase na identificação pessoal do receptor com o objeto não é um requisito imprescindível para que o texto seja apreciado em

uma estância estética e que, ao ter contato com uma obra que retrata personagens inseridos em mundos, culturas e estilos de vida diferentes de sua realidade, é possível que o leitor tenha intensificada sua conscientização tanto a respeito de si mesmo quanto acerca do texto, aprofundando, assim, sua compreensão.¹³

Não restam dúvidas de que, desde a sua concepção, os estudos literários e as práticas de interpretação são comparativos e, portanto, diversos críticos e pensadores já se dedicaram a questões relacionadas a este tema. No entanto, no presente trabalho focaremos principalmente nas ideias desenvolvidas a partir de um movimento originado na Universidade de Konstanz, na Alemanha, a partir de 1967.

É interessante observar que, embora trabalhem em um mesmo campo, existem diferenças fundamentais entre Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, dois dos principais teóricos deste movimento: o interesse de Jauss está mais voltado para questões de natureza social e histórica relacionadas à recepção, procurando verificar no leitor a influência de fatores históricos no momento da recepção, dando origem ao chamado “horizonte de expectativas” – conjunto de convenções que constituem a competência de um leitor num determinado momento histórico;¹⁴ Iser, por sua vez, embora não exclua fatores sociais e históricos, se preocupa principalmente com o texto individual e com a forma como os leitores se relacionam com ele. Assim, pode-se dizer que as teorias de Jauss tendem a pensar o macrocosmo da recepção, enquanto as de Iser se preocupam com microcosmo da recepção.¹⁵

Independentemente de semelhanças e diferenças dos fundamentos teóricos, o ponto principal da Estética da Recepção é a apresentação do leitor como coprodutor do texto, através de um diálogo com a obra. Assim, o leitor-receptor deixaria de ser considerado um destinatário passivo, participando ativamente na elaboração na construção de um sentido da obra literária.

13 LEWIS, Cynthia. Critical issues: Limits of identification: The personal, the pleasurable and the critical in reader response. University of Iowa: Journal of Literacy Research , v32 n2 p253-66 Jun 2000, p. 253.

14 JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1979 *apud* SIRINO; FORTES, 2011, p. 214.

15 SHI, Yanling. *Review of Wolfgang Iser and his Reception Theory*. In: Theory and Practice in Language Studies, vol. 3, No. 6, pp. 982-986. Shangai International Studies University. Shangai, China, 2013, p. 982.

3.1 HANS ROBERT JAUSS

Os conceitos da Estética da Recepção foram apresentados em 1967 no texto *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*, de autoria do escritor, teórico e crítico literário alemão Hans Robert Jauss, que refutou as teorias literárias Marxista e Fundamentalista, que tinham bastante força na época. A primeira apresentava a literatura como reflexo dos fenômenos sociais, implicando na emissão do juízo de valor acerca de uma obra literária somente com base na sua capacidade de representação da estrutura social, enquanto a segunda baseava-se na ideia da obra literária como um todo autônomo e autossuficiente, com seus elementos organicamente relacionados, independente de dados históricos ou biográficos do autor, atribuindo a verdadeira significação a sua organização interna sem necessitar da referência a uma situação externa.¹⁶ Como podemos perceber, essas duas escolas tinham visões antagônicas acerca da relação entre literatura e história/contexto social, chegando a um impasse que, segundo Jauss, as impedia de prosseguir. Nas palavras do autor:

Por caminhos opostos, ambas tentaram compreender a sucessão histórica das obras literárias como o nexos da literatura, e ambas mergulharam, por fim, numa aporia cuja solução teria exigido que se estabelecesse uma nova contemplação histórica e a contemplação estética. (JAUSS, 1994, p. 15)

A tese formulada por Jauss impactou os estudos relacionados à literatura ao contrariar as teorias vigentes na época, que estabeleciam a primazia do texto por si só e entendiam a obra literária como passível de uma interpretação única e imutável, ignorando o papel do leitor na experiência literária. Segundo ele, o leitor deveria ser compreendido não como uma “folha em branco” ou uma “tábula rasa” sobre o qual o texto imprime seu sentido, mas como um indivíduo socializado e inserido em contextos históricos concretos. Ainda criticando as teorias Formalistas e Marxistas, Jauss aduz que “ambos os métodos (...) ignoram o leitor em seu papel genuíno, imprescindível tanto para o conhecimento estético quanto para o histórico: o papel do destinatário a quem, primordialmente, a obra literária visa”. Assim, seria a partir do leitor que o fenômeno literário poderia se apresentar como fenômeno estético e social.

¹⁶ ROSSETTO, Robson. *A Estética da Recepção: O horizonte de expectativas para a formação do aluno espectador*. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2007, p. 2.

Na visão de Jauss, a experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra ou pela reconstrução da interpretação do autor, mas realiza-se na sintonia com o que ele chama de efeito estético da obra de arte, ou em outras palavras, na “compreensão fruidora” e na “fruição compreensiva”. Segundo este teórico, a dupla tarefa da hermenêutica literária consistiria em

diferenciar metodicamente os dois modos de recepção. Ou seja, de um lado aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro, reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos. A aplicação, portanto, deve ter por finalidade comparar o efeito atual de uma obra de arte com o desenvolvimento histórico de sua experiência e formar o juízo estético, com base nas duas instâncias de efeito e recepção. (JAUSS, 2002, p. 70)

Mais adiante, Jauss esclarece que para que seja possível fazer a análise da experiência do leitor ou da “sociedade de leitores” de um tempo histórico determinado, é necessário diferenciar, colocar e estabelecer a comunicação entre os dois lados da relação texto-leitor, isto é, entre o efeito (momento condicionado pelo texto) e a recepção (momento condicionado pelo destinatário). Assim, a construção do sentido se realizaria por meio da junção desses dois momentos: o interno ao literário, implicado pela obra, e aquele que Jauss denomina “mundivivencial” (*lebensweltlich*), trazido pelo leitor de determinada sociedade.

Naturalmente, o contexto histórico e social em que os destinatários de qualquer produto literário estão inseridos tem considerável peso na percepção da obra, mas não podemos ignorar uma série de outros fatores que também influenciam na forma como cada um irá ser afetado por um livro, como gostos ou preferências pessoais, aspectos culturais específicos e vivências individuais de cada leitor. Esse conjunto de experiências prévias origina diferentes horizontes de expectativas, relacionados a motivações próprias e perspectivas emocionais dos receptores, de modo que uma nova obra não será recebida “no vazio”, mas sim por alguém que já carrega uma bagagem de leituras, experiências e expectativas quanto ao que vai encontrar no texto.

3.2 WOLFGANG ISER

Ao lado de Jauss, temos o também alemão Wolfgang Iser, cofundador da Escola de Konstanz e um dos principais teóricos da Estética da Recepção. Iser foi professor de inglês e literatura comparada na Universidade de Konstanz e, dentre muitas outras, desenvolveu a Teoria do Efeito Estético, que descreve a ficção como uma estrutura de comunicação¹⁷ e, como o próprio nome indica, busca analisar os efeitos provocados pela obra através da constituição do sentido pelo leitor.

Iser defende que existem dois polos em uma obra literária: o artístico, concernente ao texto criado pelo autor, e o estético, que se refere à realização alcançada pelo leitor. Em algum lugar entre estes polos, situa-se o trabalho literário – uma combinação do texto com a subjetividade do leitor – que os receptores criam ao ler uma obra. Nesse sentido, Iser se debruçou sobre a questão de como e em que condições um texto tem significado para um leitor – entendendo-se, aqui, significado como o resultado de uma interação entre texto e leitor, como um efeito a ser experimentado, e não um objeto a ser definido¹⁸.

Iser rejeita a ideia de um “leitor ideal”, alegando que, para ser considerado como tal, o leitor precisaria compartilhar o mesmo código utilizado pelo autor do texto e as mesmas intenções que se manifestam pelo autor no processo de transcodificação, o que, segundo ele, seria bastante improvável. O teórico propôs, entretanto, um modelo de receptor que chamou de “leitor implícito”, definido por ele da seguinte maneira:

Para que possamos tentar compreender os efeitos causados e as respostas suscitadas por obras literárias, devemos permitir a presença do leitor sem predeterminar de modo algum seu caráter ou sua situação histórica. Podemos chamá-lo, por falta de uma expressão melhor, o leitor implícito. Ele incorpora todas as predisposições necessárias para que uma obra literária exerça seu efeito – predisposições estabelecidas não por uma realidade externa empírica, mas pelo próprio texto. Consequentemente, o leitor implícito como conceito tem suas raízes firmemente plantadas na estrutura do texto. (ISER, 1978 *apud* SHI, 2013, p. 983, em tradução livre)

Assim, o leitor implícito consistiria não em um indivíduo real, mas em uma espécie de “leitor modelo” hipotético, que teria tanto um papel passivo na recepção do conteúdo do texto, quanto um papel ativo na produção de significado, por meio daquilo que Iser denominou construção de consistência (*consistency building*).

17 ISER, 2002.

18 SHI, *op. cit.*, p. 983.

4. ANÁLISE DA RECEPÇÃO DE *O APANHADOR NO CAMPO DE CENTEIO*

Para que possamos analisar a recepção de uma obra fora de seu contexto, acreditamos ser importante, primeiro, situá-la em sua conjuntura original. No caso específico de *O Apanhador no Campo de Centeio*, esta contextualização é útil por nos permitir ponderar até que ponto a conjunção formada pela atmosfera social da época poderia ser apontada como um fator influenciador na recepção e até que ponto as tribulações retratadas na obra podem ser consideradas naturais à maioria dos adolescentes em qualquer época, gerando uma identificação por parte dos leitores.

Um dos primeiros aspectos que devemos observar é que a obra foi publicada nos Estados Unidos no período pós-Segunda Guerra Mundial. Naturalmente, a participação em uma contenda de tal magnitude implicou em repercussões na vida dos cidadãos de todas as nações envolvidas, e isso inclui os norte-americanos. Chang (2002) aduz que, após o fim do conflito, que durou de 1939 a 1945, os Estados Unidos foram alavancados pela primeira vez à posição de grande potência mundial e, a partir daí, teve início o fomento do famigerado *american way of life*, que se caracterizava por um otimismo reinante.¹⁹

Nesse mesmo período, começou a surgir naquele país uma nova geração de adolescentes, fruto da escolarização prolongada e do mercado, que passaria a questionar muitos dos valores “tradicionais” da sociedade norte-americana, bem como o próprio *american way of life*.²⁰ Segundo Steiffert (2013), o termo “*teenage*” para se referir a jovens dos 13 aos 19 anos já vinha sendo usado desde pelo menos a década de 1920, mas com aplicação diferente, mais ligada a crianças. O marco da mudança dessa denominação teria sido um artigo de de Elliot E. Cohen publicado no jornal *The New York Times*, em 07 de janeiro de 1945, intitulado “*A teen-age bill of rights*” [Uma carta de direitos do *teen-age*], que enumerava os seguintes itens:

I – o direito de deixar a infância ser esquecida; II – o direito à palavra sobre sua própria vida; III – o direito a cometer erros, de descobrir por si só; IV - o direito a ter as regras explicadas e

19 CUNFLIFFE, Marcus. Literature and society. In: _____. (Ed.) *American literature since 1900*. London: Penguin, 1993, p. 392. *Apud* CHANG, Caroline. *David Copperfield e O apanhador no campo de centeio na perspectiva do romance de formação*. Porto Alegre: Universidade Federal Do Rio Grande do Sul, 2002, p. 66.

20 STEIFFERT, Andrey S. **A invenção da Teen-Age nos Estados Unidos na década de 1950 e relações de gênero: Uma Análise de “o Apanhador no Campo de Centeio”**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013, p. 1.

não impostas; V - o direito a ter diversão e companheiros; VI - o direito a questionar ideias; VII – o direito a estar na fase romântica; VIII – o direito a oportunidades e chances justas; IX – o direito de lutar pela sua própria filosofia de vida; X – o direito à ajuda profissional sempre que necessário.²¹

A autora destaca que a publicação de tal artigo, apontando para o fato de que estes jovens estavam passando a ser percebidos como sujeitos com direitos, demonstrava a importância que os adolescentes começavam a conquistar na sociedade americana do pós-Segunda Guerra e a distinção dessa fase da vida.²² Embora não houvesse um consenso claro sobre o real significado da adolescência, começava a ser disseminada a ideia de que esta seria uma fase “naturalmente complicada”, autorizando, de certa forma, uma espécie de rebeldia juvenil temporária. No entanto, a sociedade norte-americana da década de 1950 ainda era um tanto quanto conservadora e, uma vez que tivessem concluído seus estudos, esperava-se que os jovens se adequassem ao “modelo burguês”,²³ o que, não raro, dava origem às sensações de imperfeição, estranheza, descontentamento e revolta por parte daqueles que não tinham pendor para esse modo de vida.

É nesse contexto que Salinger publica seu romance e, assim,

“O apanhador se tornou o ícone literário de uma geração. Os jovens descontentes da década de 1950 de repente encontraram uma voz: Holden não estava interessado em arranjar um emprego, uma casa fora do centro da cidade com 2,5 filhos, o dry martini perfeito, as roupas certas.” (SHIELDS; SHANE, 2014, p. 276).

Isso posto, no capítulo a seguir nos debruçaremos sobre a recepção da obra em um contexto bastante diverso: o de leitores brasileiros cujo contato com *O Apanhador* se deu em um período e um contexto histórico, social e econômico muito diversos daquele em que a obra fora escrita e publicada.

21 Ibid, p. 2.

22 Ibid.

23 Ibid, p. 3.

4.1 BRASILEIROS NO CAMPO DE CENTEIO: A RECEPÇÃO D'O *APANHADOR* PELOS LEITORES CONTEMPORÂNEOS

Com base em algumas das principais teorias relacionadas à estética da recepção, podemos procurar compreender o sucesso duradouro do romance de Salinger.

Rosseto (2007) sustenta que uma obra só permanece em evidência enquanto puder interagir com o receptor e, partindo deste princípio, as grandes obras seriam as que continuassem provocando interesse e reações de questionamento em diferentes leitores, de diferentes momentos históricos. Não se pode negar que o panorama político e social do momento em que o livro foi escrito teve sua carga de influência, mas, ainda assim, não limitou a capacidade de a obra influenciar gerações futuras, fora daquele contexto geográfico e histórico. O fato de os conflitos da adolescência consistirem na temática base da trama certamente contribuiu para isso.

Independentemente de época, cultura ou local, a transição da infância para a idade adulta é uma fase nebulosa, carregada de incertezas, medos e instabilidades, além, é claro, das alterações físicas que começam a ocorrer. Mas, especialmente nos tempos modernos, nesse momento da vida, espera-se que o indivíduo defina sua identidade social, e o jovem muitas vezes sente-se alvo de pressões vindas de diversos lados. Knobel (1981) aponta as seguintes características como sendo típicas do que chama de “síndrome da adolescência normal”:

1) **busca de si mesmo e da identidade**; 2) tendência grupal; 3) **necessidade de intelectualizar e fantasiar**; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal, onde o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) **evolução sexual** manifesta; 7) **atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade**; 8) **contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta**, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período de vida; 9) **separação progressiva dos pais**; e 10) constantes **flutuações de humor e do estado de ânimo**. Grifamos as características que se apresentam de forma mais evidente no comportamento de Holden Caulfield, mostrando que muitos dilemas vivenciados pelo personagem na obra podem ser considerados atemporais, ressoando em tantos leitores.

Procuramos conhecer as opiniões dos brasileiros a respeito de *O Apanhador no campo de Centeio* de modo a ser possível analisar a recepção desse romance em nosso país. Com o objetivo de obter uma maior diversidade no perfil dos receptores da obra, além da pesquisa de opinião realizada, coletamos também resenhas publicadas espontaneamente por leitores de diversas regiões do Brasil no site *Skoob*, uma rede social totalmente dedicada ao universo dos livros.

As vantagens e desvantagens de cada um dos métodos utilizados consistem nas seguintes: As pesquisas de opinião, embora permitam uma interação mais direta com os receptores e um maior aprofundamento da questão, por vezes podem acabar sendo prejudicadas por conta de uma eventual timidez ou constrangimento de alguns dos entrevistados em conversar sobre determinados assuntos. As resenhas publicadas na internet, por sua vez, apesar de consistirem em um conteúdo cristalizado, que não permite indagações específicas para uma investigação mais detalhada, foram produzidas de forma espontânea (ou seja, independentemente do convite de alguém para falar a respeito do livro para uma pesquisa, por exemplo) e, assim, podem expressar ideias de uma maneira mais “natural” ou, melhor dizendo, mais à vontade.

Com a utilização dos dois métodos de coleta de opiniões, acreditamos ser possível ter uma visão mais ampla e mais próxima da real recepção por parte da maioria dos leitores da obra de Salinger no Brasil.

4.1.1 Resenhas críticas de leitores nacionais

O site *Skoob* é a maior rede social voltada para leitores do Brasil. Lançado em dezembro de 2008 pelo carioca Lindenberg Moreira, a rede cresceu com base no “boca a boca” e hoje conta com centenas de milhares de inscritos. O site funciona como uma espécie de estante virtual, onde – dentre outras possibilidades de interação – os leitores cadastram os livros que já leram, podendo classificar as obras utilizando uma escala de estrelas (de 1 a 5), fazer avaliações e compartilhar suas críticas e impressões através de textos publicados na página de cada livro.²⁴

24 *Skoob* - Quem somos. <https://www.skoob.com.br/inicio/quem_somos>

Por se tratar de uma rede bastante ampla e com grande participação dos jovens brasileiros, o Skoob acaba sendo uma boa fonte para a coleta de opiniões acerca de diversas obras e, por isso, tomamos por base algumas avaliações publicadas ali para analisar a recepção de *O Apanhador no Campo de Centeio*.

O livro foi marcado como “lido” por 24.532 usuários, avaliado por 13.869 pessoas e destacado como “favorito” por 3.317, contando com uma média de 4 estrelas na classificação geral.²⁵ Foram escritas cerca de 500 resenhas sobre a obra, dentre as quais algumas das mais “curtidas” e comentadas por outros leitores encontram-se transcritas a seguir, sem intervenções ortográficas e gramaticais no texto, com grifos nossos:

1) Phelipe Maciel – 5 estrelas – 26/04/2017

Cuidado: Você está entrando em uma mente adolescente.

Um livro fiel. E tenho algumas considerações a fazer sobre ele:

Enredo: É simples. Conta a história de um adolescente meio rebelde, expulso mais uma vez de uma excelente escola. Ele começará a citar os dilemas de sua existência e recordar passagens antigas suas nas escolas, o seu hoje, e divaga sobre o seu amanhã, onde ele sonha construir sozinho, sem a ajuda de ninguém, um pedaço de mundo perfeito sem a falsidade dos "adultos" e suas responsabilidades toscas.

Linguagem: Como disse acima, o livro contará os dilemas de Holden Caulfield, e para isso, o autor precisou utilizar a linguagem de um garoto, então pode-se considerar que a linguagem é chula demais, ou simplória demais, ou até irritante. Há tantos "no duro", "Coisa que o valha", "Na boa", gírias adolescentes repetidas diversas vezes. **Leia sabendo que é um jovem com a mente confusa e com um coração enorme em um mundo tão cheio de dilemas éticos e morais. Nem todo mundo é capaz de compreender esta grandeza implícita no livro, a dificuldade de lidar com emoções, o choque com a descoberta de um mundo diferente do que imaginávamos, todas as dificuldades que nos atingem em nossa adolescência. Mas a grande maioria poderá se identificar com pelo menos 1 dos dilemas de Holden.**

Polêmica: Muitos sabem que Mark Chapman, assassino de John Lennon, estava com uma cópia deste livro quando foi pego, e disse que ele foi um dos motivadores de suas ações. Não há nada no livro que motive um assassinato. Claro que **não é difícil um estudante se identificar com a revolta existencial do personagem principal Holden Caulfield. Um garoto de 16 anos que se depara frente ao cinismo e ao grande mundo hostil dos adultos. Por isso, digo que o livro é um pouco amargo, afinal, Holden estava amargo. A adolescência é amarga (Ou pelo menos, Agridoce).**

Seria Holden um sociopata? - Deixo isso aos psicólogos de plantão.

Entendo que o final do livro é um tanto niilista, há aquelas reflexões sobre a morte, e sobre os vivos escreverem foda-se em seu túmulo, fica o questionamento do que é a vida, o que é a memória da pessoa, de tudo se reduzir ao nada.

O livro finaliza e te deixa olhando para o vazio, tentando entender o que aconteceu. Ele corta o argumento, mostra que está passando com um psicanalista e que está um pouco arrependido de lembrar do passado e das pessoas que passaram...

²⁵ Em 15 de maio de 2017.

"A gente nunca devia contar nada a ninguém. Mal acaba de contar, a gente começa a sentir saudade de todo mundo."

2) *Aline – 5 estrelas – 09/01/2017*

I love Holden

O que dizer desse livro? Uma leitura simples, mas ao mesmo tempo tão profunda... É preciso ler *O Apanhador no Campo de Centeio* **com olhos críticos acerca do mundo e das pessoas, levando em consideração, claro, a época em que foi escrito**, anos 50, onde os **adolescentes não tinham a voz** que têm nos dias de hoje. **Talvez eu tenha muito do Holden**, daquela coisa que se entedia com o superficial, com a hipocrisia, com a falsidade (pontos que ele bate muito no livro), **o que talvez me faça enxergá-lo não apenas como um garoto rebelde, que só sabe resmungar, mas como um garoto bom, com sentimentos, mas que ao mesmo tempo não se enquadra e não se conforma com costumes de sua época**. Amei esse livro!

3) *Natalie – 4 estrelas – 06/12/2016*

Não é difícil encontrar alguém que ame *O Apanhador no Campo de Centeio*. Também não é raro achar quem o deteste. Diante dessa bipolaridade, resolvi ler para tirar minhas conclusões. Fiquei surpresa, pois **geralmente livros com uma linguagem carregada de gírias e expressões como “cretino” não fazem meu estilo. No entanto, este é exceção. Ficou espontâneo, natural.**

Holden Caulfield é um rapaz de 17 anos que conta a história do fim de semana em que foi expulso pela segunda vez de um colégio interno onde estudava. De família abastada, é um típico adolescente que acha a vida, as pessoas e o ambiente medíocres. Poucos entram para a sua lista de interesses. Tudo é um tédio. Mas há um diferencial. Apesar do descontentamento, preocupa-se com os outros. Fica incomodado quando alguém sente o que ele chama de complexo de inferioridade, preferindo se diminuir para que os outros fiquem melhores. Acredita que as crianças são espertas e puras, ao ponto que os adultos são asquerosos.

Curiosa crítica ele faz acerca da mídia de massas, como o cinema produzido em Hollywood. Holden não foi capaz de perdoar o irmão D. B., que produzia ótimos contos, por ter “se vendido” aos holofotes. Considerou isso uma tremenda traição à boa arte. Para o adolescente, a fama é um impropério. Por isso afirma algumas vezes no decorrer dos capítulos a maravilha de se viver no isolamento de uma pequena cidade do interior, com um emprego qualquer. É a melhor forma se de manter longe da influência negativa da sociedade tão desprezível. Ironia ou não do destino, o próprio Salinger foi um autor que vendeu muito e tornou-se recluso depois disso. Se vida e arte se confundiram não sei dizer. **O que posso afirmar é que o jovem protagonista é uma contradição, capaz de provocar raiva e afeição concomitantemente. É irritantemente humano. É insuportavelmente identificável.**

4) *Daniel – 5 estrelas – 23/08/2013*

Sobre o Título

Eu gosto muito deste livro. Acho que de fato merece toda a fama que tem, **acho inovador mesmo hoje, mais de 60 anos após sua publicação. Poucos autores conseguiram escrever tão bem sobre a adolescência, sobre as dores do amadurecimento e sobre o sentimento de inadequação desta fase.**

São tantas resenhas deste livro por aqui que não vejo muito sentido em acrescentar mais uma. Como curiosidade, especialmente para aqueles que sempre se intrigaram com o curioso título, acho que seria interessante compartilhar algumas informações.

Eu li uma entrevista do tradutor Jorio Dauster, na qual ele explica por que o título aqui no Brasil foi traduzido de forma literal. O título original não faz muito sentido, mesmo em inglês. A palavra catcher se refere àquele jogador de beisebol cujo rosto está sempre coberto por uma máscara e que, agachado atrás do bateador, fica pegando as bolas atiradas pelo lançador. A expressão in the rye, literalmente no centeio, ou no campo de centeio, só é explicada numa conversa do protagonista Holden com sua irmã Phoebe, quando ele lhe pergunta se ela conhecia a cantiga Se alguém agarra alguém atravessando um campo de centeio. Phoebe o corrige, dizendo que o certo é Se alguém encontra alguém atravessando o campo de centeio, e ainda acrescenta que é baseada num poema do escocês Robert Burns, "Coming Through a Rye".

Bem antes deste diálogo com Phoebe, Holden faz uma reflexão que remete diretamente ao título do livro: "Fico imaginando uma porção de garotinhos brincando de alguma coisa num baita campo de centeio e tudo. Milhares de garotinhos, e ninguém por perto - quer dizer, ninguém grande - a não ser eu. E eu fico na beirada de um precipício maluco. Sabe o que tenho que fazer? Tenho que agarrar todo mundo que vai cair no abismo. Quer dizer, se um deles começar a correr sem olhar para onde está indo, eu tenho que aparecer de algum canto e agarrar o garoto. Só isso que eu ia fazer o dia todo. Ia ser só o apanhador no campo de centeio e tudo. Sei que é maluquice, mas seria a única coisa que eu queria fazer".

O tradutor, com a ajuda de outros tradutores, pensou em títulos alternativos, que mais se aproximariam do sentido no contexto da história. O que lhe pareceu melhor foi A sentinela do abismo, e este foi o título sugerido para o livro no Brasil. Porém a agente literária de Salinger informou que a ordem era a seguinte: ou se vertia o título literalmente ou era suspensa a venda dos direitos de tradução. Isso aconteceu devido a outras traduções desastrosas do título em outras línguas (em Portugal virou Uma agulha no palheiro...).

Sendo assim, no Brasil o título ficou mesmo o literal e intrigante O apanhador no campo de centeio.

5) Pefico – 1 estrela – 04/06/2012

Porque mesmo esse livro é famoso?

Resolvi ler esse livro pra entender porque ele se tornou um clássico da literatura americana. Afinal, esse foi o critério que usei pra decidir ler "How to kill a mockingbird", que virou um dos meus livros favoritos. No caso do Apanhador, ainda estou tentando entender como alguém pode ter gostado desse livro.

O protagonista é um moleque irritante, que tem tudo para ser feliz na vida, mas faz questão de não ser. Talvez essa seja a pegada do livro, jogar a vida pela janela da forma mais idiota que você conseguir, mas já vi o mesmo tema ser explorado de forma muito mais interessante.

Não recomendo.

6) Érica – 5 estrelas – 15/01/2011

I don't wanna grow up!

Algumas pessoas se queixam dizendo que nesse livro nada acontece e que o garoto é problemático. A primeira acusação me irrita. De verdade. **Eu fico pensando: o que será um acontecimento?, pra tanta gente reclamar que o livro é parado e tal.**

O livro não se prende muito a acontecimentos exteriores. Quem inclui na sinopse desse livro que é a história de um garoto que é expulso da escola e fica passeando em NY não diz nada. Não só pelo motivo óbvio de que é uma única frase (e não se resume um livro, por

menor que ele seja, em apenas uma frase!), mas porque isso é secundário. **O acontecimento do livro não está no que o Holden faz nesses dias que ele conta, mas a sua visão sobre as coisas, o que elas o fazem pensar e sentir e como tudo isso pode levá-lo a uma série de lembranças. Ser expulso e andar por NY é apenas um fio condutor para o que realmente importa no livro, a visão de um adolescente sobre as coisas comuns, contada de uma maneira banal. Isso é o que faz o livro tão especial.** São narradas banalidades (passeios, pensamentos impulsivos tipo fugir de repente e outros irracionais como achar que está desaparecendo porque atravessou uma rua, etc...), mas **o acontecimento não importa, o que importa é a postura do Holden diante das coisas e sua maneira toda própria de narrar.**

No final das contas, percebemos que ele não quer crescer e passa por uma crise por causa disso. Dá pra justificar essa afirmação com várias partes do livro. Todas as pessoas que ele admira são crianças, as coisas que ele admira são meio infantis. Tipo o livro que o irmão dele escreveu sobre o peixinho. Ele adora a irmãzinha dele, lembra com nostalgia do passeio do colégio ao museu, quando ele era criança (aliás, uma das minhas partes preferidas, a do museu), ele se irrita com o palavrão que ele encontra pichado no colégio da irmã e fica imaginando uma criança qualquer lendo aquele palavrão e tenta apagá-lo, como se tentasse proteger as crianças de se corromperem na sua inocência natural. Quem canta a música/poema que dá título ao livro é uma criança. Fora que, claro, tem a interpretação óbvia do sonho dele, no qual ele é uma espécie de salvador das crianças que ficam brincando em um campo, impedindo-as de caírem no precipício. O Holden tenta protegê-las de entrar na vida adulta (o precipício indica a vida adulta).

Claro que, naquele mundo, no qual a inocência não é cultivada e a vida adulta domina, alguém como o Holden só pode acabar adoecendo. Ele vivia numa época em que a adolescência não existia comercialmente (época b.B. = before Beatles), não havia um real reconhecimento dessa faixa-etária como toda uma etapa da vida que diferia da infância e da vida adulta. Adolescente era um pequeno-adulto.

Lembro da música do Tom Waits que ficou famosa na cover dos Ramones (I don't wanna go up):

A citada parte do museu também é significativa nesse sentido. Ele compara a permanência das coisas no museu com a inconstância das coisas fora dele. Ele diz que certas coisas não deveriam mudar. Ele não aceita muito bem ter que crescer.

Acho muito delicado quando ele diz que qualquer coisa poderia mudar um desses passeios ao museu, um passeio que a escola fazia com certa frequência (o Museu de História Natural de NY). Ele diz que a experiência de ir até lá poderia mudar completamente se o colega com quem vc tivesse que dar a mão (para não se perder) tivesse pego cachumba e não pudesse comparecer, ou se a professora tivesse sido substituída por outra, ou se vc tivesse escutado uma baita briga dos seus pais no banheiro ou se, na rua, vc tivesse visto uma poça d'água com um arco-íris de gasolina dentro dela. Isso tb mostra que **é um livro de pequenos acontecimentos, mais interiores do que externos e casuais.** Por isso ele é tão nostálgico e no final começa a sentir saudades de todo mundo....

O Selinger morreu recentemente (ano passado). Pra mim ele é imortal por ter escrito O Apanhador. **O Holden é daqueles personagens que dá vontade da gente ligar pra ele pra bater um papo.** rs...

7) Sinésio – 2 estrelas – 26/01/2010

Acho que estava mal informado sobre o livro, antes de começar a lê-lo. Acabei me decepcionando.

Não sei se foi problema de tradução (horrível!!), mas **o tradutor abusou de expressões do**

tipo "ou coisa que o valha", "ou coisa parecida", "no duro", "pra burro", "pra cachorro", "pra xuxu", "a porcaria" disso, a "droga" daquilo. Irritante!! Aliás, o tradutor poderia ter trocado o nome do livro por "No duro, ou coisa que o valha". Misericórdia!!

Um adolescente revoltado, uns personagens sem interação entre si, um título que ficou meio sem a ver com a história.

Ou eu não entendi NADA?? Help!!

8) *Haila* – 5 estrelas – 12/01/2010

Não lembro porque quis tanto ler esse livro, mas assim que comecei, não conseguia largá-lo. É escrito em primeira pessoa, o que já me agradou logo de cara, e é de uma sensibilidade sem igual. **Há quem diga que o Holden é apenas um adolescente chato e revoltado, mas acho que ele vai muito além disso.**

O livro não conta apenas todo o trajeto dele até Nova York, os dias que se passaram e o que aconteceu, mas dentro de cada situação desses dias o personagem relembra acontecimentos de sua própria vida, conta suas angústias, reflete sobre sua situação e no fim, **ao menos para mim, mostra que ele não é exatamente isso que todos o taxam, mas alguém que merecia ser ouvido e até levado a sério, porque, no duro, o que ele diz não são reclamações sem fundamento ou algo que o valha, ele traduz milhões de conflitos que de fato existem, que já passaram pelo menos uma vez pela minha cabeça...**

Confesso que sou muito fã desse livro e sou extremamente apaixonada por ele. **Tive sorte de descobri-lo em uma fase da minha vida semelhante (em partes) com a do personagem.**

4.1.2 Pesquisa de recepção entre leitores brasileiros

Com o objetivo de conhecer a opinião de leitores brasileiros acerca de *O Apanhador no Campo de Centeio* de forma mais específica e aprofundada, elaboramos um questionário utilizando a plataforma *Google Forms* (APÊNDICE A). O link foi encaminhado para pessoas que se dispuseram a responder, bem como disponibilizado em grupos do Facebook dedicado a discussões sobre livros e leituras.²⁶

Em um primeiro momento, solicitamos os dados pessoais dos participantes (nome, idade, gênero, grau de escolaridade e região do Brasil de onde é proveniente). Em seguida, foram feitas perguntas para detalhar o momento e o contexto de vida em que a obra foi lida, indagando em que ano e com que idade os respondentes leram *O Apanhador no Campo de Centeio* pela primeira vez e se foi uma escolha espontânea ou uma leitura imposta. A pergunta

26 “Mundo dos livros”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/mundodoslivros/search/?query=apanhador%20no%20campo%20de%20centeo>>. Acesso em 27 de maio de 2018.

“Clube do livro”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/151543198387081/search/?query=apanhador%20no%20campo>>. Acesso em 31 de maio de 2018.

seguinte era condicionada à resposta dada a esta última indagação: caso fosse assinalada a opção “leitura espontânea”, a questão seguinte era sobre que razões teriam motivado a pessoa a ter vontade de ler a obra (indicações de amigos, críticas positivas etc.); se, por outro lado, a opção assinalada fosse “leitura imposta”, indagávamos em que contexto essa leitura foi exigida (colégio, faculdade, clube do livro, entre outros). A seção seguinte – mais substancial, destinada a investigar a recepção do romance por parte dos leitores – começava com um pedido para que o respondente explicitasse, de forma detalhada, suas impressões a respeito da obra; a seguir, indagávamos a que motivos os entrevistados atribuíam o fato de terem sido impactados da maneira descrita e, na pergunta seguinte, questionávamos se o respondente teria se identificado de alguma forma com o personagem Holden Caulfield e, em caso afirmativo, com que características e/ou sentimentos. A última pergunta dessa seção também condicionava o prosseguimento: ao ser indagado se já havia lido outros livros com temática semelhante e/ou que abordassem as crises da adolescência, caso respondesse “sim”, o inquirido era levado a uma seção que solicitava que indicasse os títulos de tais obras e apontasse semelhanças e diferenças entre estas e *O Apanhador no Campo de Centeio*; se a resposta à questão da seção anterior tivesse sido “não”, o questionário seguia direto para a última parte, em que o respondente era convidado a fazer suas considerações finais, comentando questões que julgasse relevantes e que não tivessem sido abordadas na pesquisa.

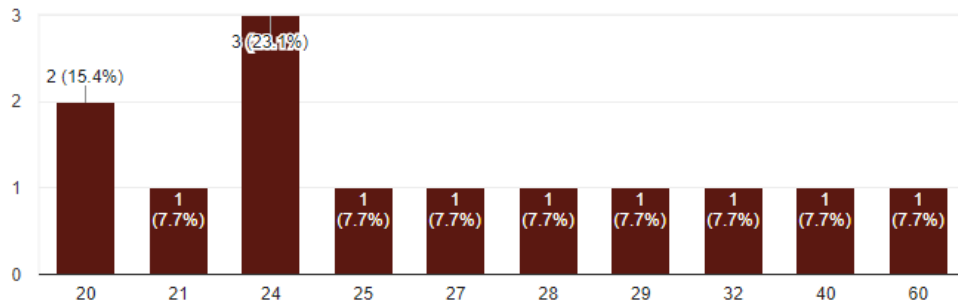
No período em que ficou disponível, a pesquisa foi respondida por 13 pessoas, sendo 12 do sexo feminino e 1 do sexo masculino.²⁷ As idades variaram entre 20 e 60 anos, e o grau de escolaridade foi desde Ensino Médio completo até pós-graduação. A maior parte dos entrevistados era oriunda da região sudeste, mas também responderam representantes das regiões sul, norte e nordeste. Excetuando-se a respondente com maior idade, todos os outros afirmaram ter lido *O Apanhador no Campo de Centeio* pela primeira vez a partir dos anos 2000 e a maioria tinha entre 15 e 23 anos de idade na época. Dos entrevistados, 12 responderam que a leitura de *O Apanhador no Campo de Centeio* foi uma escolha própria e apenas uma pessoa teve a leitura imposta pela escola durante o Ensino Médio.

Para facilitar a visualização, consolidamos estas informações nos gráficos a seguir:

27 Segundo as últimas pesquisas “Retratos da Leitura”, no Brasil, as mulheres tendem a ler mais que os homens. Mas, independentemente deste fato, por alguma razão que não podemos precisar, elas também parecem mais dispostas a falar sobre suas leituras e compartilhar impressões. (Os resultados da pesquisa “Retratos da Leitura” podem ser encontrados no site do Instituto Pró-Livro. Disponível em: <<http://prolivro.org.br/home/index.php/atuacao/25-projetos/pesquisas/3900-pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil-48>>. Acesso em 14 de junho de 2018.)

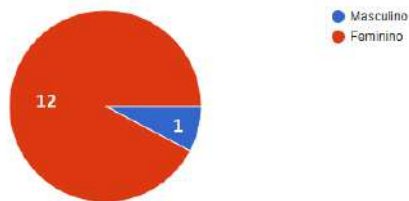
Idade

13 responses



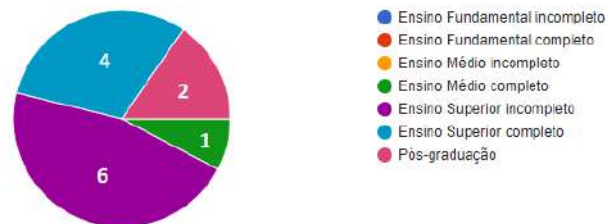
Gênero com o qual se identifica

13 responses



Grau de escolaridade

13 responses



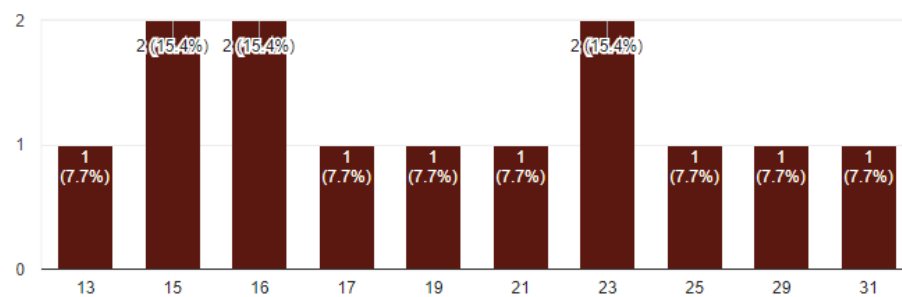
De que região do Brasil você é?


13 responses



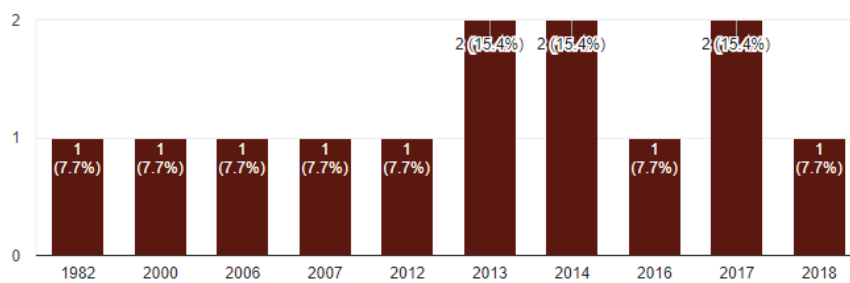
Qual era a sua idade quando leu "O Apanhador no Campo de Centeio" pela primeira vez?

13 responses



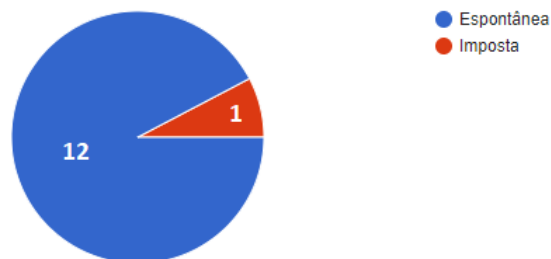
Em que ano você leu "O Apanhador no Campo de Centeio" pela primeira vez? 

13 responses



A leitura desta obra foi uma escolha espontânea (mesmo que baseada em indicação de alguém) ou imposta pela escola/faculdade ou "clube do livro", por exemplo?

13 responses



4.2.2 Análise das respostas

O inteiro teor das respostas encontra-se no APÊNDICE B, mas destacaremos aqui alguns trechos que nos parecem mais interessantes para que, a seguir, possamos comentar e melhor analisar a recepção da obra pelos leitores. Para resguardar a privacidade das pessoas que responderam o questionário mas não quiseram que seus nomes fossem citados, iremos identificá-las apenas por suas iniciais. Assim como fizemos com as resenhas transcritas na seção anterior, optamos por não realizar correções ortográficas ou gramaticais nestas respostas e grifamos alguns trechos utilizando o negrito.

Perguntada sobre os motivos que a levaram a se interessar pela obra em questão, R.M., de 24 anos, que leu *O Apanhador no Campo de Centeio* pela primeira vez aos 13 anos espontaneamente, respondeu que

Há diversas referências ao livro, sobretudo na cultura pop americana. A banda Green Day, de quem era muito fã na época em que li o livro, possui uma música que se remete a este.²⁸ **Por tal razão, interessei-me em lê-lo.**

A estudante Mariana, de 20 anos, deu uma resposta parecida, afirmando que foi a **“quantidade de referências da cultura pop americana sobre essa obra”** que a fizeram ter interesse em ler o romance aos 16 anos de idade. Também nesse sentido, Nayanna Oliveira, de 29 anos, comentou que

O Apanhador é **um clássico da literatura americana, leitura dos adolescentes em escolas nos Estados Unidos, o que despertou meu interesse inicial** em ler a obra. Mas o que me levou de fato a ler o livro este ano foi a **indicação de uma amiga**, grande fã de Salinger.

Outra jovem de 24 anos que leu a obra por escolha própria durante a adolescência, L.C. apontou os seguintes motivos:

(...) Primeiro, li muito o título em **teorias da conspiração**, porque circula a história de que o assassino do John Lennon se disse inspirado por esse livro. Em segundo, vi um **episódio de South Park** ("O Conto de Scrotie McBoogerBalls") **em que os personagens principais liam o Apanhador e ficavam indignados pela falta de cenas pesadas e linguagem chula** (...) Por fim, há uma certa **aura polêmica em um livro que foi, supostamente, censurado e proibido nos Estados Unidos**, e isso foi o

28 A música a que ela se refere é *“Who Wrote Holden Caulfield?”*, que faz parte do álbum Kerplunk, lançado pela banda em 1991.

suficiente para que **eu tivesse curiosidade e vontade de entender o que levou a obra a ser vista dessa forma.**

Assim como L.C., Daniela Menezes, de 32 anos, e Jéssica Silva, de 24, mencionaram a relação do livro com o **assassinato de John Lennon** e as **supostas mensagens subliminares** que o atirador afirmava existirem no livro como razões que despertaram seu interesse em conhecer a obra.

Raquel, de 28, respondeu que decidiu ler a obra aos 17 anos de idade por “indicação de uma **amiga que me contou ter se identificado com o personagem principal**”.

A representante da região Norte entre os entrevistados, Mayla Farias, de 20 anos, explicou que leu a *O Apanhador* ainda na adolescência porque “**Sempre que lia outros livros, algum personagem fazia uma referência ou falava o quanto amava ou odiava o livro**” e isso despertou seu interesse em conhecer a obra, enquanto Joy Sales, oriunda do nordeste do Brasil, apontou o **desejo por ler livros clássicos** e a **indicação deste em um blog** como principais motivadores. Os outros respondentes, em geral, foram mais sucintos em suas respostas, mencionando apenas a **indicação de amigos** como razão para leitura da obra.

Fernanda Cardoso, de 27 anos, única a responder que a leitura lhe fora exigida no Ensino Médio, contrariou a ideia geral de que leituras impostas são automaticamente rejeitadas pelos jovens ao afirmar:

Achei muito interessante e **diferente das outras leituras que me eram impostas** nas aulas de português e literatura. Lembro que a narrativa, a linguagem utilizada e a irreverência do protagonista me mantiveram presas à leitura (...)

Mais adiante, em outra resposta, ela afirmou também que a leitura de *O Apanhador no campo de centeio* “**foi um ‘sopro de ar fresco’** para quem acabara de ler ‘Dom Casmurro’ à força pela segunda vez”.

Ao expressar suas impressões gerais relativas ao romance e detalhar os motivos que levaram a obra a impactá-la da maneira descrita, L.C. comentou:

Comecei a ler o livro esperando, assim como os personagens de South Park, alguma grande controvérsia, e **acabei encontrando uma representação literária de mim** (por mais brega que isso soe).

(...) A dor e o conforto de se ver nas páginas do livro, na figura de um personagem deslocado, inadequado. A ironia de uma solidão que, de alguma forma, ao ser pensada e representada por outro além de nós, acaba nos aproximando e nos faz sentir menos sozinhos.

Fernanda Cardoso, por sua vez, destacou que, por ter lido a obra durante a adolescência, se identificou com “a **rebeldia, a angústia e a repulsa do protagonista por falsidade.**”

Algo que achamos curioso é que, embora afirmasse ter gostado muito do livro, ao falar de forma geral sobre suas impressões acerca da obra, R.M. fez uma observação a respeito do carisma de Holden que, normalmente, seria um aspecto apontado por pessoas que criticam a obra, mas, para ela, foi algo que a fez sentir-se mais próxima do personagem:

Na época em que li o livro, aos 13 anos, gostei muito. O livro **fala da adolescência de forma bastante próxima** desta, trata dos dilemas e questões desta fase, com uma linguagem acessível, que toca o leitor. **A personagem principal não é exatamente carismática, mas é justamente isto que prende o leitor**, ao menos a mim, **por se aproximar da minha experiência na adolescência**. Numa outra época, já com mais de 20 anos, reli e não me agradou da mesma forma.

Lorena Moura, 25 anos, também mencionou um fato que, a primeira vista, poderia ser considerado negativo, mas que, no fim, em sua opinião, não prejudicou sua experiência:

(...) eu me lembro de, **inicialmente, ter pensado em como não acontecia nada**. Mas, de alguma forma, eu gostei. **Me interessei pelo Holden, mesmo que as situações em volta me causassem estranheza. Só conseguia pensar naquele adolescente praticamente abandonado numa cidade imensa com medo de voltar pra casa. Isso me impactou muito**, eu achava o tempo todo que algo ia dar errado e ele ia morrer, ou algo do tipo. Mas eu **fui ficando, porque me preocupei, e queria saber como terminava**. No geral, **não foi a leitura mais fluida da minha vida, justamente porque me incomodou, mas quando fechei o livro, sabia que tinha gostado, só não sabia por quê**.

Mais adiante, ao ser indagada a respeito de sua possível identificação com Holden Caulfield, ela corrigiu sua visão no que diz respeito ao suposto “marasmo” do romance, afirmando que, anos depois, conversando com um colega sobre o livro, se deu conta de algo:

Na época, **só conseguia pensar em como ele precisava de companhia, no quão absurdamente solitário ele era**. (...) anos depois, que eu percebi na hora que **a importância não estava no que acontecia em volta, e sim no que se passava dentro do Holden**. Tinham, sim, **milhões de coisas acontecendo ali, ele estava sozinho, perdido, revoltado, tudo o que adolescentes com muito dinheiro e pouco contato com os pais costumam ser. Embora em circunstâncias diferentes, eu entendia a parte do solitária e perdida**. Acho, na verdade, que foi isso que me fez terminar o livro. Eu só queria saber tanto o que acontecia porque **me apeguei ao Holden (...)**

Nayanna Oliveira, por sua vez, destacou os seguintes aspectos no que diz respeito à identificação com o personagem:

Acho que **me identifiquei com a necessidade de escapar dos problemas, mesmo que temporariamente**, como Holden fez ao se refugiar em hotéis em sua própria cidade, **só para adiar o inevitável**. O sentimento de desânimo e depressão que vai sendo construído ao longo da obra e que atinge seu ápice, creio, na cena na qual ele anda pela Quinta Avenida. **Me recordo de ter dúvidas e inseguranças similares às dele quando ainda era adolescente.**

Nesse sentido, L.C. respondeu que, na sua opinião,

Holden é a personificação da sensação de estar perdido e do horrível sentimento de que **talvez o mundo não seja para pessoas como eu (ou ele, ou nós)**. (...) lembro da questão de ir mal na escola, **o medo de encarar os pais e apresentá-los a mais uma decepção**, a raiva, o certo grau de nostalgia ao narrar a história, **o amar e odiar tudo demais**.

Antônio Ramos, o único homem a responder a pesquisa, foi sucinto em seus comentários, mas afirmou ter se identificado “com um certo **desamparo existencial**” exibido por Holden. Já R.C., assim como Fernanda Cardoso, apontou a revolta com a falsidade das pessoas como um dos principais aspectos que fizeram com que se identificasse com o protagonista do romance.

Em relação aos fatos que levaram a obra a impactá-la positivamente e a características de Holden com as quais se identificou, Jéssica Silva explicou que

Os problemas pelos quais o personagens passam **são os mesmos pelos quais passe os quando adolescente, me senti ligada e compreendida** por ele.

A sua **solidão e o seu sentimento de não pertencimento, foi um alívio pra mim saber que não era a única a me sentir assim** mesmo quão outro fosse apenas um personagem literário.

Joy também mencionou que, quando leu a obra pela primeira vez, se encontrava em uma situação parecida com a retratada na obra (terminando o ensino médio, com medo do que viria depois, inconformada com as mudanças e sentindo-se incompreendida) e relatou que se identificou com as seguintes características apresentadas por Holden: “Crise existencial, **angústia**, repulsa, **medo de não se adequar à vida adulta**, o carinho que ele sentia pela irmã mais nova”. Já Daniele Alves afirmou que se identificou com o aspecto de “Não querer ser igual, buscar um outro estilo de vida e faltar coragem para tanto.”

A respondente mais madura de nossa amostra, Sonia, de 60 anos de idade, relatou que leu *O Apanhador no Campo de Centeio* em 1982, aos 25 anos, por indicação de amigos. Embora tenha sido bastante sucinta em suas respostas, ela relatou que, na época, não teve

coragem de externar, mas achou o livro “meio fraco” devido ao fato de considerar Holden um “**adolescente mimado**” e afirmou não ter se identificado com nenhuma característica do personagem alegando: “**Minha realidade era bem outra**”.

Nesse sentido, dois integrantes de um dos grupos do Facebook no qual o link para a pesquisa foi disponibilizado optaram por não responder ao questionário, mas manifestaram sua opinião brevemente em forma de comentário à postagem original,²⁹ afirmando que não apreciaram a obra por considerarem que a “crise existencial” pela qual Holden passa no livro seria infundada, uma vez que era um jovem que sempre “teve tudo”, com acesso às melhores escolas, não tendo passado – até onde sabemos, com base nos fatos narrados na obra – por experiências drásticas ou traumáticas que pudessem motivar seus conflitos internos e que estes seriam meramente fruto das circunstâncias, e não baseados em “problemas reais”.

No que diz respeito à leitura de obras com temáticas semelhantes, 8 pessoas responderam que sim. Nayanna Oliveira apontou *A redoma de vidro* (Sylvia Plath, 1963) e *As vantagens de ser invisível* (Stephen Chbosky, 1999) e destacou as seguintes semelhanças e diferenças:

As vantagens de ser invisível não fala sobre depressão, mas sobre **introspecção**, que descobre-se ao longo do livro ter sido referente a um trauma na infância. Mas **o personagem me lembra, um pouco, o Holden, em sua ingenuidade, característica que creio que também possa ser usada para definir Esther, a protagonista de A redoma de vidro**. Em *A redoma de vidro*, não me recordo a idade de Esther, mas ela já era um pouco mais velha que Holden, não se tratando de um drama adolescente. Mas **o que vemos de semelhante nestas duas obras é nosso papel de espectadores da trajetória destes protagonistas conforme vão mostrando sinais cada vez mais claros de depressão**. Cenas como o ataque de pânico que Holden tem na Quinta Avenida, ou quando Esther começa a chorar durante uma sessão de fotos do seu estúdio.

As mesmas obras foram indicadas por L.C., que detalhou as semelhanças e diferenças, em sua opinião, da seguinte forma:

Acho que o que amarra todas essas obras é a questão de **estar no mundo e, ainda assim, não se sentir parte dele**. Na minha visão, **os personagens** Charlie, Esther e Holden **estão, cada um à sua maneira, tentando se conciliar consigo e procurando um lugar ao qual pertençam**. No entanto, pelo que me recordo dessas narrativas, é como se Charlie conseguisse encontrar um lugar e Esther estivesse a caminho disso. **Holden, por outro lado, me passa a impressão de continuar imerso em melancolia, e a nostalgia retratada pelo menino** me faz acreditar que o mesmo ainda não está satisfeito com o lugar em que se encontra no "presente" da narrativa, que é o tempo em que ele está no hospital, contando a história.

29 Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/clubedolivro.aaey/search/?query=apanhador%20no%20campo>>. Acesso em 15 de junho de 2018.

Joy foi mais uma das respondentes a indicar *A Redoma de Vidro* e apontou a “**crise existencialista**” que perpassa as obras como característica semelhante e a **depressão** como uma das principais diferenças. Embora não tenha detalhado o que quis dizer com “depressão”, acreditamos que ela possa ter querido destacar o fato de que a crise de Esther tem consequências práticas mais graves, como a tentativa de suicídio, por exemplo.

Raquel foi outra das entrevistadas a citar *As vantagens de ser invisível* como obra com temática adolescente e resumiu as semelhanças e diferenças em duas frases: “A **principal semelhança é o pensamento do jovem**, isso não muda. A **principal diferença** pra mim é o **contexto em que estão inseridos**. O apanhador se passa nos **anos 50**”. Já Mayla Farias, que também indicou esta obra, observou que

(...) os personagens de ambos os livros lidam com eventos traumáticos como o suicídio de um amigo e **não se sentem confortáveis e lidar com outras pessoas (Charlie é mais tímido e Holden mais revoltado)**. As vantagens de ser invisível tem a diferença em que a história é mais longa, já que o apanhador no campo de centeio se passa em um fim de semana, isso dá ao primeiro mais tempo para o amadurecimento de Charlie e mostra ele vivenciando várias experiências e se encontrando no fim enquanto o apanhador no campo de centeio traz na história mais dilemas existenciais. Acredito que **os dois livros são marcantes e fazem refletir sobre nossa própria vida, e abordam temas polêmicos para cada época**, e são importantes para o nosso entendimento da realidade e até podem mudar nossos conceitos.

Jéssica Silva citou *Demian* (Hermann Hesse, 1919) e respondeu que, na sua opinião, embora a obra de Hesse tenha um cunho mais religioso, nota-se uma semelhança entre os personagens na medida em que “**ambos se preocupam em encontrar a si mesmos**”.

Mariana apontou *As Vantagens De Ser Invisível*, *As Virgens Suicidas* (Jeffrey Eugenides, 1993), *O Complexo de Portnoy* (Philip Roth, 1969), *Nada* (Janne Teller, 2010), *Garota de vidro* (Laurie Halse Anderson, 2009) e resumiu a semelhança entre estas e *O Apanhador no Campo* de centeio da seguinte maneira: “**A representação de um sentimento (sem precisar dizê-lo). Nenhuma dessas obras usa a palavra ‘depressão’, mas é o que você sente. É a manifestação.**”

Por fim, Fernanda Cardoso apontou as obras *A Mão de Leonardo* (Wick Downing, 2002), *Infância, Adolescência e Juventude* (Liev Tolstói, 1852) e *O Castelo* (Franz Kafka, 1926) e fez as seguintes considerações:

"A Mão de Leonardo" de Wick Downing deve ser a obra que li que mais se assemelha à obra de Salinger. Narra um protagonista **adolescente passando por**

uma fase difícil e cheia de mudanças em sua vida, agravados por sua rebeldia. Porém o protagonista possui uma deficiência que tinha na mão e o tom da obra é um pouco menos adulto.

"Infância, Adolescência e Juventude" de Tolstói, que é uma **obra quase autobiográfica do autor, me lembrou um pouco por narrar a transformação do protagonista de uma criança típica para um jovem adulto, passando por todas as fases típicas de angústia, auto-conhecimento e rebeldia.** Porém a narrativa e linguagem são completamente diferentes (...)

"O Castelo" de Kafka pode não ser uma temática exatamente similar, mas a pura **teimosia e resiliência implacável do protagonista** (que já é um adulto) **de ir contra o sistema imposto pelas autoridades lembram muito as características de um adolescente.** (...) **o protagonista acredita que irá vencer seus obstáculos** (por maiores e mais confusos que sejam) **durante toda a sua jornada** (...) e **o leitor é capaz de ter esperança em seu triunfo** (...)

Dentre as observações finais, acreditamos que a de Antônio Ramos mereça destaque, por ter mencionado que

A leitura do livro acaba fortemente influenciada pela maneira que se tornou referência cultural e creio que também pelas teorias da conspiração que envolvem a obra e o autor. Acho importante desapegar disto para apreciar a obra mais livremente.

E este foi, de fato, um aspecto relevante a ser considerado na presente pesquisa, tendo em vista, inclusive, que o fato de a obra ter se destacado como “referência cultural pop” foi mencionado por alguns entrevistados como algo que despertou interesse na leitura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos, nesta dissertação, os panoramas gerais das publicações de *O Apanhador no Campo de Centeio* – tanto nos Estados Unidos, seu país de origem, quanto no Brasil, alvo de nossa análise –, trazendo, como fonte, algumas críticas da mídia especializada que foram publicadas na época de cada lançamento e alguns números referentes às edições do livro. Em seguida, indicamos o referencial teórico utilizado para embasar a presente análise, focando especialmente em dois dos principais doutrinadores da Escola de Konstanz da estética da recepção: Iser e Jauss. Mais adiante, para a análise da recepção propriamente dita, reunimos uma série de resenhas publicada por leitores na rede social Skoob e realizamos uma pesquisa de opinião com alguns voluntários por meio de um questionário desenvolvido especificamente para este trabalho.

Decerto nos deparamos com algumas limitações, como o número reduzido de voluntários para a pesquisa de recepção e a escassez de tempo para aprofundar as questões através de novas entrevistas, que poderiam enriquecer o presente trabalho. Contudo, acreditamos que isso não se apresentou como um impedimento insuperável para que pudéssemos chegar a algumas conclusões.

Como pudemos observar a partir das impressões compartilhadas tanto nas resenhas publicadas no site Skoob quanto na pesquisa de recepção desenvolvida, os principais motivos que levam os jovens brasileiros de hoje a ler *O Apanhador no Campo de Centeio* são: **indicação de amigos** e **curiosidade despertada pelas questões polêmicas envolvendo o livro** (seja por de ter sido acusado de inspirar psicopatas a cometer crimes, seja pelo alvoroço que foi causado na época de seu lançamento – e que deixa ecos até os dias de hoje – devido à presença de linguagem informal e palavras de baixo calão). Entretanto, o fato de ainda existir grande curiosidade acerca de uma obra não é garantia de uma recepção positiva por parte de leitores, especialmente daqueles que se encontram em um contexto histórico-social bastante diverso do original. A possibilidade de que os jovens curiosos se decepcionassem com o conteúdo da obra, considerando-o muito aquém do esperado, seria um tanto plausível. Todavia, com base nos dados analisados, este não parece ser o padrão. Pelo contrário, a maior parte dos entrevistados e das pessoas que compartilharam suas impressões nas redes sociais afirmou ter se **surpreendido positivamente com a obra** e, em especial, se **identificado com o personagem** Holden Caulfield em diversos níveis.

É interessante observar que a definição do que poderiam vir a ser “problemas reais”, que difere de uma pessoa para outra, acaba influenciando na recepção da obra. Grande parte daqueles que afirmam não ter gostado do livro justifica o fato com alegações relacionadas à ideia de Holden ser um “rebelde sem causa” ou um “adolescente mimado”, por ser um jovem de classe média com acesso a um lar estruturado, uma existência confortável e boa educação, e, ainda assim, se mostrar insatisfeito com alguns aspectos de sua vida. Naturalmente, esse é o tipo de interpretação que varia não apenas com base nas experiências pessoais prévias de cada leitor, mas também conforme o maior ou menor grau de sensibilidade de cada um. Assim, nos parece possível afirmar que, independentemente de terem um estilo de vida socioeconômico próximo ao de Holden, o grau de identificação pode variar para mais ou para menos à medida que as pessoas tenham uma visão de mundo e da vida como um todo que possa ser caracterizada como mais pragmática ou mais aberta ao emocional.

Como mencionado por um dos voluntários a responder a pesquisa de recepção, uma das principais diferenças entre *O Apanhador* e obras mais recentes com temática similar que fazem grande sucesso é o período em que as histórias se passam, considerando que a narrativa de J.D. Salinger é ambientada nos anos 1950. Tomando por base a abordagem de Jaus, poderíamos ser levados a acreditar que tal distanciamento apresentaria um risco de prejudicar a recepção da obra por parte de leitores de fora do contexto original. Mas o que pudemos notar a partir das respostas fornecidas é que nem o pano de fundo histórico e social específico, nem o uso de expressões e gírias datadas se impuseram como obstáculos para a recepção da obra por parte dos leitores contemporâneos.

Possivelmente, o fato de Salinger ter adaptado para a realidade do livro uma boa dose de experiências pessoais vividas ao longo de seu período de amadurecimento foi um dos fatores que conferiu maior autenticidade à obra, no entanto, conforme mencionado no capítulo dedicado ao referencial teórico, a identificação com os contextos culturais e vivenciais dos personagens de uma obra por parte dos leitores não é fator determinante para sua apreciação.

No caso de *O Apanhador no Campo de Centeio*, podemos observar que, mesmo que os receptores se encontrem em uma realidade de vida bastante diversa daquela apresentada pelo protagonista e mesmo que jamais tenham vivido situações semelhantes do ponto de vista prático, como ser reprovado em diversas matérias, ser expulso da escola, vagar sem rumo pela cidade ou sofrer um surto causado por esgotamento psicológico, a identificação ocorre do ponto de vista emocional. Assim, ainda que o jovem leitor não tenha passado por quaisquer eventos minimamente parecidos com aqueles narrados na obra, certamente, em algum

momento do seu processo de amadurecimento terá experimentado ou irá experimentar sentimentos de inadequação, medo, frustração, vergonha, não pertencimento, angústia e confusão – entre outros – e são essas emoções atemporais que geram o sentimento de identificação dos leitores com a obra.

Isto posto, a abordagem de Iser, que foca mais no texto individualmente e na forma como os leitores se relacionam com ele do que nos contextos histórico-sociais nos quais objeto e receptor se inserem, parece a mais adequada para fundamentar os motivos pelos quais a obra de Salinger continua sendo lida, indicada e apreciada por tantas gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALTMAN, Max. *Hoje na História: 1951 - 'O Apanhador no Campo de Centeio', de J.D. Salinger, é publicado*. Operamundi. São Paulo: 16 de julho de 2014. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/36039/hoje+na+historia+1951+_+o+apanhador+no+campo+de+centeo+de+jd+salinger+e+publicado.shtml>. Acesso em: 5 de abril de 2017.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2009. Disponível em: <<http://www.academypublication.com/issues/past/tpls/vol03/06/17.pdf>> Acesso em 10 de maio de 2017.

CHANG, Caroline. *David Copperfield e O apanhador no campo de centeio na perspectiva do romance de formação*. Porto Alegre: Universidade Federal Do Rio Grande do Sul, 2002. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3007/000330375.pdf?sequence=1>>. Acesso em 9 de junho de 2018.

COZER, Raquel. *Escritor J.D. Salinger é o único nome da história editora do autor*. Folha de S. Paulo. São Paulo: 12 de janeiro de 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/01/1399319-escritor-jd-salinger-e-o-unico-nome-da-historica-editora-do-autor.shtml>>. Acesso em: 05 de abril de 2017.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EdUSP, 1985.

ISER, Wolfgang. *A arte parcial: a interpretação universalista*. In: *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.

ISER, Wolfgang. *A interação entre texto e leitor* In: *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. *O jogo do texto*. In: COSTA LIMA, Luiz (org.) *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

JAUSS, Hans Robert. *A estética da recepção: colocações gerais*. In: COSTA LIMA, Luiz (org.) *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *O prazer estético e as experiências fundamentais da Poieses, Aisthesis e Katharsis*. In: COSTA LIMA, Luiz (org.) *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

KNOBEL, Mauricio. *A síndrome da adolescência normal*. In: *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Artmed editora. Porto Alegre, 1981. Disponível em: <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/44407073/Aberastury__A.___Adolescence_normal.pdf?>. Acesso em 07 de maio de 2017.

LEPRE, Rita Melissa. *Adolescência e construção da identidade*. UNESP. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/237343201_ADOLESCENCIA_E_CONSTRUCAO_DA_IDENTIDADE>. Acesso em 07 de maio de 2017.

LEWIS, Cynthia. Critical issues: Limits of identification: The personal, the pleasurable and the critical in reader response. University of Iowa: *Journal of Literacy Research* , v32 n2 p253-66 Jun 2000. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1080/10862960009548076>>. Acesso em: 27 de maio de 2018.

ROSSETTO, Robson. *A Estética da Recepção: O horizonte de expectativas para a formação do aluno espectador*. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2007. Disponível em: <https://iesb.blackboard.com/bbcswebdav/institution/Ead/_disciplinas/EADG370/nova/files/acervo/uia1/texto04.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2017.

SANTOS, Carmen Sevilla Gonçalves. *Teoria do Efeito Estético e Teoria Histórico-Cultural: o leitor como interface*. Tese de Doutorado em Teoria da Literatura – UFPE. Recife, 2012. Disponível em <http://repositorio.ufpe.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/7486/arquivo7417_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 10 de maio de 2017.

SHI, Yanling. *Review of Wolfgang Iser and his Reception Theory*. In: *Theory and Practice in Language Studies*, vol. 3, No. 6. Shangai International Studies University. Shangai, China, 2013. Disponível em: <<http://www.academypublication.com/issues/past/tpls/vol03/06/17.pdf>>. Acesso em 10 de maio de 2017.

SHIELDS, David; SALERNO, Shane. *Salinger*. Rio de Janeiro: Instrínseca, 2014.

SIRINO, Salete; FORTES, Rita das Graças. Jauss e Iser: efeitos estéticos provocados pela leitura de *Conversa de Bois e Campo Geral*, de Guimarães Rosa. *Rev.Cient./FAP, Curitiba*, v.7, p.209-228, jan./jun.2011. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1536/883>>. Acesso em 5 de junho de 2017.

SLAWENSKI, Kenneth. *Salinger, uma vida*. São Paulo: Leya Editora, 2010.

STEIFERT, Andrey S. *A invenção da Teen-Age nos Estados Unidos na década de 1950 e relações de gênero: Uma Análise de “o Apanhador no Campo de Centeio”*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373245875_ARQUIVO_Ainvencaodateenageerelacoesdegenero-AndreySeiffert.pdf> Acesso em 3 de junho de 2018.

STEINER, George. *O que é Literatura Comparada?* In: Nenhuma paixão desperdiçada. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TRAGINO, Arnon. O leitor, a leitura, o livro e a literatura na estética da recepção e na história cultural. *Revista Mosaicum*, n. 18, Jul/Dez 2013. Disponível em: <<http://www.literaturaeeducacao.ufes.br/sites/grupoliteraturaeeducacao.ufes.br/files/field/anexo/O%20leitor%2C%20o%20livro%2C%20a%20leitura%20e%20a%20literatura%20na%20Est%C3%A9tica%20da%20Recep%C3%A7%C3%A3o%20e%20na%20Hist%C3%B3ria%20Cultural%20-%20artigo%203.pdf>> Acesso em 10 de maio de 2017.

TRAVANCAS, Isabel. *O livro como produto midiático e os estudos de recepção*. In: *Revista Contracampo*, v. 26, n. 1, ed. abril, ano 2013. Niterói: UFF, Contracampo, 2013. Págs. 87-105. Disponível em: <www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/download/245/267>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

TRAVANCAS, Isabel. *O livro e a leitura para adolescentes do Rio de Janeiro e de Barcelona*. Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), 2015. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/lead-producaoeditorial/wp-content/uploads/2015/08/O-livro-e-a-leitura-para-adolescentes-do-Rio-de-Janeiro-e-de-Barcelona.pdf>>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

VENTICINQUE, Danilo. Redes sociais trazem a literatura para a internet. *Revista Época*. 2 de outubro de 2009. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI96567-15220,00-REDES+SOCIAIS+TRAZEM+A+LITERATURA+PARA+A+INTERNET.html>> Acesso em 15 de maio de 2017.

_____. *Jornal O Globo*. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=artigo&ordenacaoData=relevancia&allwords=apanhador+no+campo+de+centeio&anyword=&noword=&exactword=>>. Acesso em 05 de abril de 2017.

_____. Skoob. Página do livro “O Apanhador no Campo de Centeio”. Resenhas mais curtidas. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/114/mais-curtidas>>. Acesso em 15 de maio de 2017.

_____. Skoob. Página do livro “O Apanhador no Campo de Centeio”. Resenhas mais comentadas. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/114/mais-comentadas>>. Acesso em 15 de maio de 2017.

ANEXO A

(Textos de capa da 1ª edição de *O Apanhador no Campo de Centeio*)³⁰

- **Texto de orelha da 1ª edição, escrito por Salinger**

“Quem quer que haja lido os contos de J.D. Salinger para a *New Yorker* – em especial “Um dia perfeito para os peixes-banana”, “Tio Wiggily em Connecticut”, “O Gargalhada” e “Para Esmé, com amor e sordidez” – não ficará surpreso com o fato de que seu primeiro romance esteja repleto de crianças. O principal protagonista e narrador de *O Apanhador no Campo de Centeio* é uma criança “velha” de dezesseis anos, natural de Nova York, chamada Holden Caulfield. Devido a circunstâncias que tendem a impedir a descrição em segunda mão por um adulto, ele abandona o colégio na Pensilvânia e vive clandestinamente em Nova York durante três dias.

O rapaz é ao mesmo tempo simples demais e complexo demais para fazermos qualquer comentário definitivo sobre ele e sua história. Talvez o mais seguro que podemos dizer sobre Holden seja que ele nasceu para o mundo e não apenas fortemente atraído pela beleza, mas quase irremediavelmente impadado por ela.

Há muitas vozes neste romance: vozes de crianças, vozes de adultos, vozes subterrâneas – mas a voz de Holden é a mais eloquente de todas. Transcendendo seu próprio vernáculo, embora permanecendo maravilhosamente fiel a ele, Holden solta um grito que é um misto de dor e prazer, porém expresso com qualquer clareza. No entanto, como a maioria dos amantes, dos palhaços e dos poetas maiores, ele mantém quase toda a dor dentro de si e para si. O prazer ele oferece, ou põe de lado, com todo o coração. Lá está à disposição do leitor que é capaz de lidar com tal prazer.”

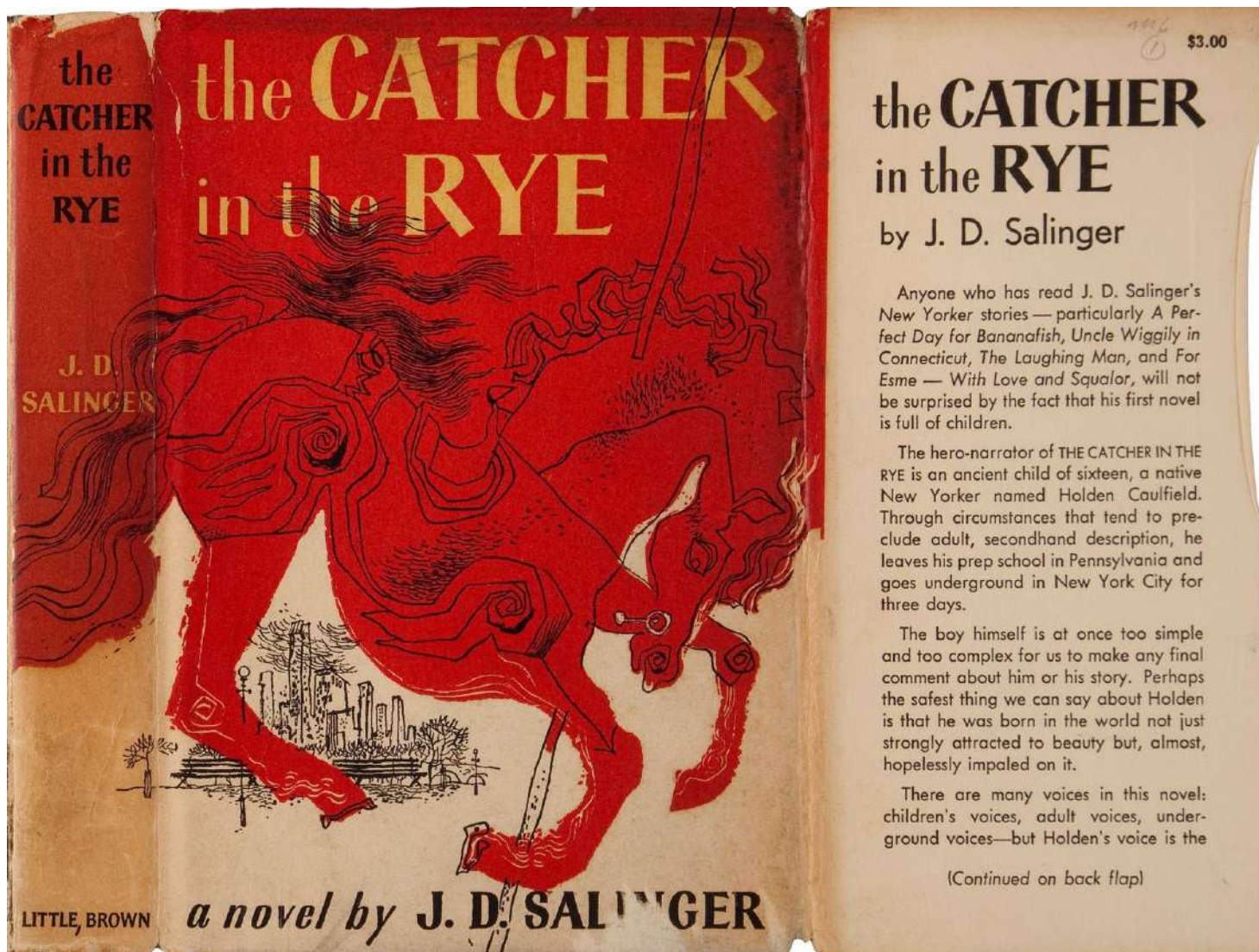
- **Breve biografia de Salinger publicada na 1ª edição**

“J.D. Salinger nasceu em Nova York em 1919 e estudou em escolas públicas de Manhattan, numa academia militar na Pensilvânia e em três universidades (sem se diplomar). 'Um ano feliz como turista na Europa', ele escreve, 'quando eu tinha dezoito e dezenove anos. No exército de 1942 a 1946, a maior parte do tempo com a 4ª Divisão. Escrevo desde os quinze anos. Meus contos apareceram em diversas revistas ao longo dos últimos dez anos, em particular – e para minha grande felicidade – na *New Yorker*. Trabalhei em *O apanhador no campo de centeio*, com interrupções, por dez anos'.”

30 SHIELDS, David; SALERNO, Shane. *Salinger*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014, p. 270

ANEXO A

Figura 1: Frente (lombada, capa e orelha esquerda) da 1ª edição da obra, lançada nos EUA pela *Little, Brown* em 1951.

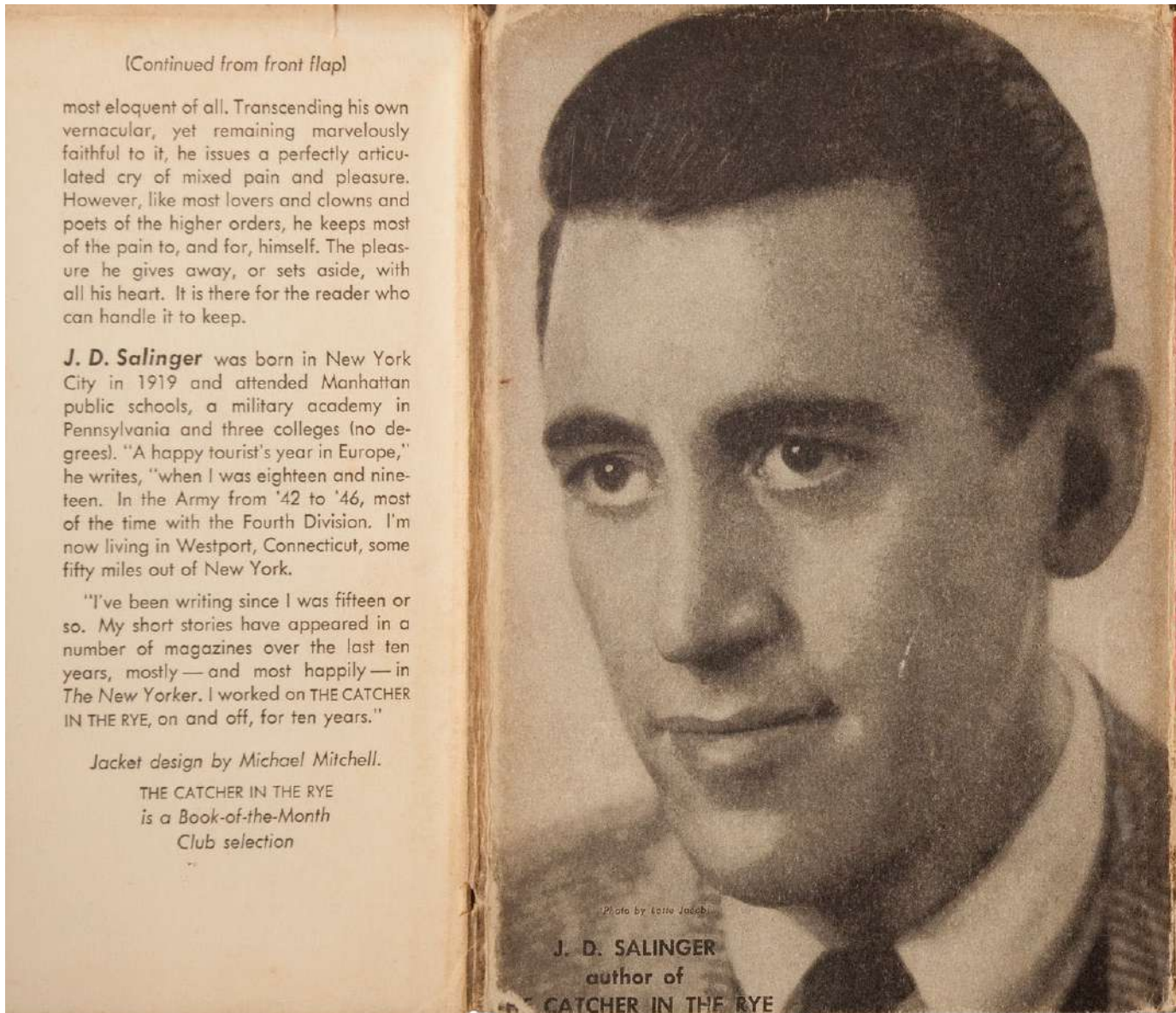


Fonte: Nate D. Sanders Auctions – Fine Autographs & Memorabilia.³¹

31 Disponível em: <<https://natedsanders.com/lot-30795.aspx>>. Acesso em 03 de junho de 2018.

ANEXO A

Figura 2: Quarta capa e orelha direita da 1ª edição da obra.



Fonte: Nate D. Sanders Auctions – Fine Autographs & Memorabilia.

ANEXO B

(Críticas publicadas nos EUA)³²

“Eis aqui um romance sobre um rapaz de dezesseis anos que é emotivo sem ser sentimental, dramático sem ser melodramático, honesto sem ser simplesmente obscuro. Em geral tem êxito”. (Paul Engle, Chicago Daily Tribune, 15 de julho de 1951)

“(…) longo demais. Torna-se monótono. Ele deveria ter cortado um bocado de material sobre aqueles bobões e todo aquele sórdido colégio. Eles me deprimem. Realmente deprimem.” (James Stern, New York Times Book Review, 15 de julho de 1951)

“(…) linguagem estranha e maravilhosa num primeiro romance incomumente brilhante.” (Nash K. Burger, New York Times, 16 de julho de 1951)

“(…) Tão real que dói, e todos os adultos confusos o lerão avidamente para seu desfrute pessoal e o ocultarão de imediato de seus filhos” (Irene Elwood, Los Angeles Times)

“Tive a impressão de que o livro mostrou um... não é um defeito, é um mal contra o qual o escritor precisa se proteger... a pressão de nossa cultura, que força todo mundo a pertencer a alguma coisa, a um grupo. É difícil ser um indivíduo na nossa cultura. Acho que o que eu vi nesse livro foi uma tragédia que, de certo modo, representou a própria tragédia de Salinger. Lá estava um jovem inteligente e um pouco mais sensível que seus pares, que simplesmente desejava amar a humanidade e, quando tentou penetrar na humanidade, amar a humanidade, não encontrou ninguém. Essa, para mim, é a tragédia do livro.” (William Faulkner, citado em Faulkner in the University, pp. 246-27)

32 Fonte: SHIELDS, David; SALERNO, Shane. *Salinger*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

ANEXO C

• Alguns livros

“De J.D. Salinger o público está lendo agora, em excelente tradução, o seu famoso THE CATCHER IN THE RYE (O APANHADOR NO CAMPO DE CENTEIO). Não é o “best-seller” comum de discutível valor literário promovido como um detergente pelos editores dos Estados Unidos. Passará da “parada de sucessos” para uma parada efetiva nas estante. É o livro que neste século de livros com vida de jornais ou de revistas – um dia, uma semana, um mês no máximo – poderá sobrar da peneira de uma geração exigente.”

(Trecho da coluna “O Show da Cidade”, de Henrique Pongetti, publicada na edição matutina do dia 26 de janeiro de 1966 do Jornal O Globo, trazendo uma crítica positiva sobre *O Apanhador no Campo de Centeio*).

Henrique Pongetti apresenta

O SHOW DA CIDADE

• **ALGUNS LIVROS**

LILIANA Boris é uma carioca filha de italiana radicada em Roma desde os treze anos de idade. Trabalha na nossa Embaixada. Tem divulgado a nossa literatura e o nosso folclore, fez uma primorosa tradução do DOM CASMURRO, de Machado de Assis, é autora também de **PARLIAMO PORTOGHESE** (Como se fala in Brasil), de grande ajuda para os que pretendem chegar à nossa terra em condições de travar um imediato diálogo conosco. **VACUO** reúne suas impressões brasileiras depois de uma longa ausência e sob o estado emocional da perda de sua mãe. O romance, o ensaio e a crônica se misturam nas suas páginas proporcionando-nos uma leitura diferente e muito agradável. As vezes seus olhos treinados na análise de outros países pousam em algo que a amargura, descobrem profundas e indesejadas modificações no Rio da sua infância, e a gente sente que entre tantas saudades satisfeitas ela leva de volta algumas tristezas a esquecer... a tristeza de sua pátria ainda não estar tão segura, próspera e feliz como ela amorosamente a vira na perspectiva da distância.

PAULO Mendes Campos ainda está colhendo aplausos pelo sucesso do seu recente **COLUNISTA DO MORRO** — aquela mesma mistura de poesia, sabedoria e humor tão de sua marca — e já nos oferece uma **ANTOLOGIA BRASILEIRA de HUMORISMO** onde este vosso cronista aparece ao lado do fino dos humoristas de todos os nossos tempos, como Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Rubem Braga, Gustavo Corção, Clarice Lispector, Stanislaw Ponte Preta, Millor Fernandes, uns engraçados contumazes, outros, de graças bissextas, mas formando todos um livro que deixa a gente de alma lavada mesmo numa semana de enchente...

TAMBÉM Fernando Sabino, que está em Londres, e nos diverte diariamente com seus “sketches” ingleses, lança uma nova coleção de crônicas e contos curtos intitulada **A COMPANHEIRA DE VIAGEM**. Todos conhecem a extensão da clientela deste contador magnífico e simples, direto e certo, que consegue reedições seguidas de livros de crônicas, um gênero que alguns romancistas mortos no berço estigmatizam raivosamente como efêmero.

LUCIA Benedetti está escrevendo agora uma série de livros destinados à juventude São contos às vezes de fundo religioso, que também os adultos lêem com profundo encantamento, e onde os críticos podem encontrar as qualidades de escritora afirmadas nos seus romances e nas suas peças infantis. Este **O ESPELHO QUE VÊ POR DENTRO**, muito bem ilustrado, deve estar na lista de livros dos pais que guiam a evolução espiritual dos filhos. Diverte muito e deixa boas sementes.

DE J. D. SALINGER o público está lendo agora, em excelente tradução, o seu famoso **THE CATCHER IN THE RYE (O APANHADOR NO CAMPO DE CENTEIO)**. Não é o “best seller” comum de discutível valor literário promovido como um detergente pelos editores dos Estados Unidos. Passará da “parada de sucessos” para uma parada efetiva nas estantes. É o livro que neste século de livros com vida de jornais ou de revistas — um dia, uma semana, um mês no máximo — poderá sobrar da peneira de uma geração exigente

Vamos ao Teatro

ANEXO C

- **Meu Clássico**

“Li ao mesmo tempo, quando adolescente, 'Encontro marcado', de Fernando Sabino, e 'O apanhador no campo de centeio', de J.D. Salinger. E as duas obras me impressionaram muito. São os meus clássicos. (...) No caso de 'O apanhador', pela introspecção do personagem. E por sua atualidade. Creio que qualquer jovem pode ler atualmente o livro de Salinger e sentir o mesmo impacto que senti. Sua força literária continua.”

(Paulo Rocco, em 19 de setembro de 1998, no caderno Prosa e Verso, p. 5 da edição matutina do jornal O Globo)

MEU CLÁSSICO

Paulo Rocco

“Li ao mesmo tempo, quando adolescente, 'Encontro marcado', de Fernando Sabino, e 'O apanhador no campo de centeio', de J.D. Salinger. E as duas obras me impressionaram muito. São os meus clássicos. No caso do 'Encontro', por ser uma história de amigos muito unidos, com seus desdobramentos na vida, e, no caso de 'O apanhador', pela introspecção do personagem. E por sua atualidade. Creio que qualquer jovem pode ler atualmente o livro de Salinger e sentir o mesmo impacto que senti. Sua força literária continua.”



ANEXO C

• O Apanhador no Campo de Centeio: Salinger inventa a adolescência

“(…) O retrato que Salinger pinta da adolescência é vivo, cruel, enternecedor, desconcertante, porético – tudo ao mesmo tempo. Ninguém diria que, ao escrever o livro, ele estava bem longe de ser um teenager voluntarioso e ingênuo: aos 32 anos, já tinha participado como soldado do desembarque das tropas aliadas na Normandia, no Dia D, e acumulara uma razoável experiência como colaborador da revista “New Yorker”. Mas foi como se estivesse estreando ali: o livro vendeu 15 milhões de exemplares em apenas dois anos e tornou Salinger uma estrela”.

(Edição matutina do jornal O Globo, 26 de Setembro de 1999, p. 8)

26 SETEMBRO DE 1999

Salinger inventa a adolescência

Hábil e cauteloso, o autoridade que é conhecido e paranoico (principal de “O apanhador no campo de centeio”), foi a certa altura que quisera um verdadeiro, para “deixar verdade” não apenas a verdade mas também a verdade e a verdade (como sempre). De certa forma, o autor da história, que se tornou um clássico desde sua publicação, em 1951, tornou para o século do pós-guerra. Em 1951, Jerome David Salinger conseguiu ao glória literária e crítica apelada em “The Catcher in the Rye” para se estabelecer a uma nova maneira de lidar com a realidade em “The Catcher in the Rye”, um livro de ficção sobre o jovem Holden Caulfield. Por algum tempo existiram os críticos, mas depois a crítica deu uma virada. Até a publicação de “The Catcher in the Rye”, a crítica era sempre a mesma: a crítica. Os que tinham um problema com o livro eram aqueles que não tinham a mesma visão de mundo. O livro que, desde então, o livro de J.D. Salinger só foi melhor.

Hábil e cauteloso, o autoridade que é conhecido e paranoico (principal de “O apanhador no campo de centeio”), foi a certa altura que quisera um verdadeiro, para “deixar verdade” não apenas a verdade mas também a verdade e a verdade (como sempre). De certa forma, o autor da história, que se tornou um clássico desde sua publicação, em 1951, tornou para o século do pós-guerra. Em 1951, Jerome David Salinger conseguiu ao glória literária e crítica apelada em “The Catcher in the Rye” para se estabelecer a uma nova maneira de lidar com a realidade em “The Catcher in the Rye”, um livro de ficção sobre o jovem Holden Caulfield. Por algum tempo existiram os críticos, mas depois a crítica deu uma virada. Até a publicação de “The Catcher in the Rye”, a crítica era sempre a mesma: a crítica. Os que tinham um problema com o livro eram aqueles que não tinham a mesma visão de mundo. O livro que, desde então, o livro de J.D. Salinger só foi melhor.



J.D. Salinger, protagonista do livro “O apanhador no campo de centeio”.

Salinger inventa a adolescência

Depois da crítica por não compreender o livro, a crítica deu uma virada. Até a publicação de “The Catcher in the Rye”, a crítica era sempre a mesma: a crítica. Os que tinham um problema com o livro eram aqueles que não tinham a mesma visão de mundo. O livro que, desde então, o livro de J.D. Salinger só foi melhor.

O livro que Salinger quis inventar a adolescência em “The Catcher in the Rye”, um livro de ficção sobre o jovem Holden Caulfield. Por algum tempo existiram os críticos, mas depois a crítica deu uma virada. Até a publicação de “The Catcher in the Rye”, a crítica era sempre a mesma: a crítica. Os que tinham um problema com o livro eram aqueles que não tinham a mesma visão de mundo. O livro que, desde então, o livro de J.D. Salinger só foi melhor.

Depois da crítica por não compreender o livro, a crítica deu uma virada. Até a publicação de “The Catcher in the Rye”, a crítica era sempre a mesma: a crítica. Os que tinham um problema com o livro eram aqueles que não tinham a mesma visão de mundo. O livro que, desde então, o livro de J.D. Salinger só foi melhor.

Irã lança desafio ao Ocidente

A primeira grande crise do petróleo, em 1974, foi protagonizada pelo nacionalismo da Companhia Petrolífera Anglo-Iraquiana (Anglo-Iraqi Oil Co.) e pelo petroleiro iraquiano, o estado islâmico de Mossaddeq. O petróleo é considerado o “ouro negro”. Em 1974, um nacionalista da esquerda iraquiano, A. Akbari, pediu aos países ocidentais que se juntassem para garantir a segurança do petróleo. A Akbari pediu aos países ocidentais que se juntassem para garantir a segurança do petróleo. A Akbari pediu aos países ocidentais que se juntassem para garantir a segurança do petróleo.

Em 1974, a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) anunciou um aumento de preços do petróleo. O aumento de preços do petróleo foi de 70%. O aumento de preços do petróleo foi de 70%. O aumento de preços do petróleo foi de 70%.

Em 1974, a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) anunciou um aumento de preços do petróleo. O aumento de preços do petróleo foi de 70%. O aumento de preços do petróleo foi de 70%.

Em 1974, a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) anunciou um aumento de preços do petróleo. O aumento de preços do petróleo foi de 70%. O aumento de preços do petróleo foi de 70%.

Em 1974, a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) anunciou um aumento de preços do petróleo. O aumento de preços do petróleo foi de 70%. O aumento de preços do petróleo foi de 70%.

Em 1974, a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) anunciou um aumento de preços do petróleo. O aumento de preços do petróleo foi de 70%. O aumento de preços do petróleo foi de 70%.

Em 1974, a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) anunciou um aumento de preços do petróleo. O aumento de preços do petróleo foi de 70%. O aumento de preços do petróleo foi de 70%.

1951

14

Porém, depois de pagar os pedidos, não há mais...

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

85

86

87

88

89

90

91

92

93

94

95

96

97

98

99

100

APÊNDICE A

(Reprodução integral das perguntas feitas na pesquisa de recepção)

Seção 1 – Apresentação e requisição de e-mail

A presente pesquisa será utilizada como base para meu trabalho de conclusão de curso em Produção Editorial pela UFRJ e eu gostaria de contar com a sua ajuda.

Após traçar o seu perfil rapidamente, serão feitas aproximadamente 12 perguntas relacionadas à sua leitura do livro "O Apanhador no Campo de Centeio", de J.D. Salinger: metade requer respostas rápidas e diretas, sendo algumas de múltipla escolha, enquanto a outra parte demanda respostas um pouco mais elaboradas (lembrando que não existe certo ou errado. O que eu gostaria de saber é a sua sincera opinião).

Nas respostas mais longas, peço que, por favor, detalhe o máximo possível. O limite de caracteres é bem amplo, portanto, fique à vontade para escrever bastante!

Ao preencher esta pesquisa, você concorda com a reprodução total ou parcial de uma ou mais de suas respostas na monografia. Caso não queira que seu nome seja citado, selecione a opção correspondente e sua privacidade será respeitada. (E não se preocupe: seu endereço de e-mail será mantido em total sigilo).

Podemos começar? :)

- E-mail (obrigatório informar)

Seção 2 – Resumo das perguntas

Como o Google Forms não permite pular etapas para ver com antecedência que perguntas serão feitas, estou deixando aqui a listinha de perguntas que requerem respostas mais longas para que você possa saber o que vem pela frente e responder com tranquilidade. :)

Seção 3 – Dados pessoais

- Nome
- Você autoriza que seu nome seja mencionado no trabalho?
Sim / Não (caso uma de suas respostas seja transcritas, utilizaremos iniciais como forma de identificação)
- Idade
- Gênero com o qual se identifica
Feminino / Masculino / Outros
- Grau de escolaridade
Ensino Fundamental incompleto / Ensino Fundamental completo / Ensino Médio incompleto / Ensino Médio completo / Ensino Superior incompleto / Ensino Superior completo / Pós-graduação
- De que região do Brasil você é?
Sul / Sudeste / Centro-oeste / Norte / Nordeste

Seção 4 – Contexto da leitura

- a) Em que ano você leu “O Apanhador no Campo de Centeio” pela primeira vez?
- b) Qual era a sua idade quando leu “O Apanhador no Campo de Centeio” pela primeira vez?
- c) A leitura desta obra foi uma escolha espontânea (mesmo que baseada em indicação de alguém) ou imposta pela escola/faculdade ou "clube do livro", por exemplo?

Espontânea (vá para seção 5 – leitura espontânea) / Imposta (vá para seção 6 – leitura imposta)

Seção 5 – Leitura espontânea

- Que motivo te levou a querer ler "O Apanhador no Campo de Centeio"? (Houve indicação de amigos? Você leu ou ouviu falar sobre a obra em algum blog, série ou filme, por exemplo? Algo em especial chamou a sua atenção e fez com que você tivesse vontade de ler a obra?)

Seção 6 – Leitura imposta

- Em que contexto esta leitura foi exigida de você? (Caso tenha sido no colégio ou faculdade, por favor, especifique em que série/matéria/curso/período)

Seção 7 – Impressões e opiniões

- a) Quais foram suas impressões a respeito da obra? (Por favor, procure detalhar suas impressões o máximo possível e deixar claro se gostou ou não.)
- b) Na sua percepção, que motivos teriam levado a obra a te impactar dessa maneira?
- c) Você se identificou de alguma forma com alguma(s) característica(s) ou sentimento(s) do personagem Holden Caulfield? Se sim, qual(is)?
- d) Você já leu outros livros com temáticas semelhantes e/ou que falam sobre as crises da adolescência (como, por exemplo, "A Redoma de Vidro", "As Vantagens de Ser Invisível", "Perdão, Leonard Peacock", entre outros)?

Sim (vá para seção 8 – Leituras com temática semelhante) / Não (vá para seção 9 – considerações finais)

Seção 8 – Leituras com temática semelhante

- a) Cite algumas dessas obras com temática parecida que você já tenha lido.
- b) Poderia apontar semelhanças e diferenças que, na sua opinião, existem entre estas obras e "O Apanhador no Campo de Centeio"? Por favor, cite e detalhe algumas delas.

Seção 9 – Considerações finais

- a) Fique à vontade para fazer comentários ou observações sobre questões relacionadas ao livro que não foram abordadas diretamente nesta pesquisa.
- b) Você aceitaria ser contactado(a) por e-mail para aprofundar um pouco mais alguma questão caso seja necessário?

Sim / Prefiro que não

APÊNDICE B

(Reprodução integral das respostas fornecidas pelos entrevistados)

1) R.M.

24 anos; sexo feminino; ensino superior completo; região sudeste. Leu a obra pela primeira vez em 2007, aos 13 anos (leitura espontânea).

Seção 5 – leitura espontânea

Há diversas referências ao livro, sobretudo na cultura pop americana. A banda Green Day, de quem era muito fã na época em que li o livro, possui uma música que se remete a este. Por tal razão, interessei-me em lê-lo.

Seção 7 – impressões e opiniões

- a) Na época em que li o livro, aos 13 anos, gostei muito. O livro fala da adolescência de forma bastante próxima desta, trata dos dilemas e questões desta fase, com uma linguagem acessível, que toca o leitor. A personagem principal não é exatamente carismática, mas é justamente isto que prende o leitor, ao menos a mim, por se aproximar da minha experiência na adolescência. Numa outra época, já com mais de 20 anos, reli e não me agradou da mesma forma.
- b) Como afirmado na resposta anterior, o livro trata das questões e dilemas da adolescência, o que me aproximou muito do livro na primeira vez que li.
- c) Sim, seu sentimento de que as pessoas eram de alguma forma falsas e farsantes o tempo todo, o sentimento de revolta com relação ao status quo.

2) Lorena Moura

25 anos; sexo feminino; ensino superior completo; região sudeste. Leu a obra pela primeira vez em 2014, aos 21 anos (leitura espontânea).

Seção 5 – leitura espontânea

Sabia que era um título clássico, mas sempre adia a leitura. Até que um dia, conversando com uma amiga que tinha acabado de ler pela primeira vez, acabei decidindo pegar emprestado com ela.

Seção 7 – impressões e opiniões

- a) Bem, já tem bastante tempo que eu li, então minhas impressões podem estar um pouco confusas, mas eu me lembro de, inicialmente, ter pensado em como não acontecia nada. Mas, de alguma forma, eu gostei. Me interessei pelo Holden, mesmo que as situações em volta me causassem estranheza. Só conseguia pensar naquele adolescente praticamente abandonado numa cidade imensa com medo de voltar pra casa. Isso me impactou muito, eu achava o tempo todo que algo ia dar errado e ele ia morrer, ou algo do tipo. Mas eu fui ficando, porque me preocupei, e queria saber como terminava. No

geral, não foi a leitura mais fluida da minha vida, justamente porque me incomodou, mas quando fechei o livro, sabia que tinha gostado, só não sabia por quê.

- b) Adolescentes sozinhos contra o mundo é um tema que me assusta em geral. Quando vi o Holden sozinho num quarto de hotel em Nova York imediatamente fiquei estranha, essas coisas mexem comigo. Por isso eu sabia que seria incômodo para mim, eu só pensava "vai pra casa e resolve sua vida com seu pai" ao mesmo tempo que sabia que a situação daquele personagem não era tão simples assim. A atmosfera estranha permaneceu comigo durante todo o livro, só deu uma aliviada no final, quando ele volta e conversa com a irmã.
- c) Então, o Holden me impactou bastante, sim. Na época, só conseguia pensar em como ele precisava de companhia, no quão absurdamente solitário ele era. Anos depois, conversando com um colega, ele me disse que não tinha gostado do livro porque não acontecia nada, exatamente como eu tinha pensado quando li. Mas foi só quando ele disse isso, anos depois, que eu percebi na hora que a importância não estava no que acontecia em volta, e sim no que se passava dentro do Holden. Tinham, sim, milhões de coisas acontecendo ali, ele estava sozinho, perdido, revoltado, tudo o que adolescentes com muito dinheiro e pouco contato com os pais costumam ser. Embora em circunstâncias diferentes, eu entendia a parte do solitária e perdida. Acho, na verdade, que foi isso que me fez terminar o livro. Eu só queria saber tanto o que acontecia porque me apeguei ao Holden. E, mesmo com um final tão aberto, me tranquilizou vê-lo voltar e conversar com a Phoebe.

Seção 9

Não me lembro de mais nada que tenha me chamado tanto a atenção quanto o próprio Holden, na verdade. Mas me lembro de achar bonita a relação dele e da Phoebe. Ela podia ser mais nova, mas era alguém em quem ele confiava, e, pelo que me lembro da conversa deles no final, ela parecia saber disso e aceitar esse papel.

3) Nayanna Oliveira

29 anos; sexo feminino; ensino superior incompleto; região sudeste. Leu a obra pela primeira vez em 2018, aos 29 anos (leitura espontânea).

Seção 5 – leitura espontânea

O Apanhador é um clássico da literatura americana, leitura dos adolescentes em escolas nos Estados Unidos, o que despertou meu interesse inicial em ler a obra. Mas o que me levou de fato a ler o livro este ano foi a indicação de uma amiga, grande fã de Salinger.

Seção 7 – impressões e opiniões

- a) O Apanhador é uma obra maravilhosa! Me arrependo apenas de só tê-lo lido agora. Gosto da forma como o Salinger narra a história, dá a sensação dela estar sendo mesmo contada por um menino adolescente na década de 50/60. O Holden é um protagonista muito carismático e interessante. Dá pra mergulhar nos conflitos e dilemas dele, é tudo bem relacionável.
- b) Gosto dos temas tratados na obra, como adolescência e depressão e me identifiquei de

forma bem particular com o Holden.

- c) Acho que me identifiquei com a necessidade de escapar dos problemas, mesmo que temporariamente, como Holden fez ao se refugiar em hotéis em sua própria cidade, só para adiar o inevitável. O sentimento de desânimo e depressão que vai sendo construído ao longo da obra e que atinge seu ápice, creio, na cena na qual ele anda pela Quinta Avenida. Me recordo de ter dúvidas e inseguranças similares às dele quando ainda era adolescente.

Seção 8 – Leituras com temática semelhante

- a) A redoma de vidro e As vantagens de ser invisível.
- b) As vantagens de ser invisível não fala sobre depressão, mas sobre introspecção, que descobre-se ao longo do livro ter sido referente a um trauma na infância. Mas o personagem me lembra, um pouco, o Holden, em sua ingenuidade, característica que creio que também possa ser usada para definir Esther, a protagonista de A redoma de vidro.

Em A redoma de vidro, não me recordo a idade de Esther, mas ela já era um pouco mais velha que Holden, não se tratando de um drama adolescente. Mas o que vemos de semelhante nestas duas obras é nosso papel de espectadores da trajetória destes protagonistas conforme vão mostrando sinais cada vez mais claros de depressão. Cenas como o ataque de pânico que Holden tem na Quinta Avenida, ou quando Esther começa a chorar durante uma sessão de fotos do seu estúdio.

4) Fernanda Cardoso

27 anos; sexo feminino; pós-graduação; região sudeste. Leu a obra pela primeira vez em 2006, aos 15 anos (leitura imposta).

Seção 6 – leitura imposta

Foi em uma aula de português ou literatura do primeiro ano do ensino médio, se não me engano.

Seção 7 – impressões e opiniões

- a) Achei muito interessante e diferente das outras leituras que me eram impostas nas aulas de português e literatura. Lembro que a narrativa, a linguagem utilizada e a irreverência do protagonista me mantiveram presas à leitura e fizeram com que eu começasse a ler por vontade própria outras obras de autores estrangeiros.
- b) Talvez, por se tratar de um autor estrangeiro, a tradução tenha tornado a escrita menos rebuscada e mais atraente para a minha idade. Foi um "sopro de ar fresco" para quem acabara de ler "Dom Casmurro" à força pela segunda vez (apesar de gostar de realismo, ironicamente, não curto romances do Machado de Assis - sempre preferi o estilo do Aluísio de Azevedo). Talvez a narrativa em primeira pessoa também tenha contribuído para meu interesse.
- c) Sim. Como li na minha adolescência, me identifiquei com a rebeldia, a angústia e a repulsa do protagonista por falsidade.

Seção 8 – leituras com temática semelhante

- a) "A Mão de Leonardo" de Wick Downing, "Infância, Adolescência e Juventude" de Tolstói e "O Castelo" de Kafka.
- b) "A Mão de Leonardo" de Wick Downing deve ser a obra que li que mais se assemelha à obra de Salinger. Narra um protagonista adolescente passando por uma fase difícil e cheia de mudanças em sua vida, agravados por sua rebeldia. Porém o protagonista possui uma deficiência que tinha na mão e o tom da obra é um pouco menos adulto.

"Infância, Adolescência e Juventude" de Tolstói, que é uma obra quase autobiográfica do autor, me lembrou um pouco por narrar a transformação do protagonista de uma criança típica para um jovem adulto, passando por todas as fases típicas de angústia, auto-conhecimento e rebeldia. Porém a narrativa e linguagem são completamente diferentes, e a estrutura do texto lembra muito mais o início de "Dom Casmurro" e a jornada de Bentinho criança e adolescente.

"O Castelo" de Kafka pode não ser uma temática exatamente similar, mas a pura teimosia e resiliência implacável do protagonista (que já é um adulto) de ir contra o sistema imposto pelas autoridades lembram muito as características de um adolescente. Ao contrário de outras obras deste autor, como "A Metamorfose", "Um Artista da Fome" e "O Processo", o protagonista acredita que irá vencer seus obstáculos (por maiores e mais confusos que sejam) durante toda a sua jornada (na maioria de suas histórias, o protagonista acaba aceitando seu destino e se curvando perante as adversidades) e o leitor é capaz de ter esperança em seu triunfo. Mas talvez isso se deva ao fato de que o livro nunca foi terminado e que, possivelmente, Kafka planejasse dar um destino trágico ao seu personagem.

Seção 9 – considerações finais

Talvez fosse interessante perguntar se o leitor conhece ou foi influenciado a ler devido às polêmicas conspiratórias de assassinato nos Estados Unidos, mas talvez o leitor já responda isso nas perguntas do que o motivou a ler.

5) L.C.

24 anos; sexo feminino; ensino superior incompleto; região sudeste. Leu a obra pela primeira vez em 2012, aos 19 anos (leitura espontânea).

Seção 5 – leitura espontânea

A minha apresentação ao Apanhador aconteceu de formas pouco convencionais, eu diria. Primeiro, li muito o título em teorias da conspiração, porque circula a história de que o assassino do John Lennon se disse inspirado por esse livro. Em segundo, vi um episódio de South Park ("O Conto de Scrotie McBoogerBalls") em que os personagens principais liam o Apanhador e ficavam indignados pela falta de cenas pesadas e linguagem chula (como a do desenho), e assim resolveram escrever seu próprio livro. Por fim, há uma certa aura polêmica em um livro que foi, supostamente, censurado e proibido nos Estados Unidos, e isso foi o suficiente para que eu tivesse curiosidade e vontade de entender o que levou a obra a ser vista dessa forma.

Seção 7 – impressões e opiniões

- a) Comecei a ler o livro esperando, assim como os personagens de South Park, alguma grande controvérsia, e acabei encontrando uma representação literária de mim (por mais brega que isso soe).
- b) A complexidade que surge de uma narrativa tão simples. A dor e o conforto de se ver nas páginas do livro, na figura de um personagem deslocado, inadequado. A ironia de uma solidão que, de alguma forma, ao ser pensada e representada por outro além de nós, acaba nos aproximando e nos faz sentir menos sozinhos.
- c) Sim. Holden é a personificação da sensação de estar perdido e do horrível sentimento de que talvez o mundo não seja para pessoas como eu (ou ele, ou nós). Faz tempo que não leio o livro, então não consigo pensar com exatidão em cenas que possa destacar aqui, mas lembro da questão de ir mal na escola, o medo de encarar os pais e apresentá-los a mais uma decepção, a raiva, o certo grau de nostalgia ao narrar a história, o amar e odiar tudo demais.

Seção 8 – leituras com temática semelhante

- a) "As vantagens de ser invisível" e "A redoma de vidro".
- b) Acho que o que amarra todas essas obras é a questão de estar no mundo e, ainda assim, não se sentir parte dele. Na minha visão, os personagens Charlie, Esther e Holden estão, cada um à sua maneira, tentando se conciliar consigo e procurando um lugar ao qual pertençam. No entanto, pelo que me recordo dessas narrativas, é como se Charlie conseguisse encontrar um lugar e Esther estivesse a caminho disso. Holden, por outro lado, me passa a impressão de continuar imerso em melancolia, e a nostalgia retratada pelo menino me faz acreditar que o mesmo ainda não está satisfeito com o lugar em que se encontra no "presente" da narrativa, que é o tempo em que ele está no hospital, contando a história.

Seção 9 – considerações finais

Apesar de considerar *O Apanhador no Campo de Centeio* o meu livro favorito, não tive contato recente com ele, portanto, alguns detalhes podem ter se perdido na minha memória e o que ficou foi mais uma generalização baseada, talvez, em como me senti todas as vezes em que li o livro.

6) Raquel

28 anos; sexo feminino; pós-graduação; região sudeste. Leu a obra pela primeira vez em 2017, aos 17 anos (leitura espontânea).

Seção 5 – leitura espontânea

Indicação de uma amiga que me contou ter se identificado com o personagem principal

Seção 7 – impressões e opiniões

- a) Li pela primeira vez com 16/17 anos e reli depois aos 20. O é "simples", mas fala sobre a realidade do jovem e toda a divagação que já passou pela cabeça de um. Além

do medo de encarar os pais após uma bomba no colégio (quem nunca?) São as incertezas de Holder e aquele turbilhão de pensamentos que podem parecer desconexos que mostram que não tem problema se você também compartilha de algumas frustrações. Gostei igualmente do livro nas duas vezes porque consegui me identificar com o Holder.

- b) O personagem principal
- c) Sim, mas como li há algum tempo, não me lembro de nenhuma especificamente.

Seção 8 – leituras com temática semelhante

- a) As vantagens de ser invisível
- b) A principal semelhança é o pensamento do jovem, isso não muda. A principal diferença pra mim é o contexto em que estão inseridos. O apanhador se passa nos anos 50.

Seção 9 – considerações finais

Ler o Apanhador foi tranquilizador para mim. Apesar de tantos "coisa que o valha", é divertido acompanhar o Holder por suas descobertas em NY.

7) Mayla Farias

20 anos; sexo feminino; ensino superior incompleto; região norte. Leu a obra pela primeira vez em 2013, aos 15 anos (leitura espontânea).

Seção 5 – leitura espontânea

Sempre que lia outros livros, algum personagem fazia uma referência ou falava o quanto amava ou odiava o livro. Isso despertou meu interesse em conhecer a obra.

Seção 7 – impressões e opiniões

- a) Gosto muito do livro, foi um dos primeiros livros que li sobre essa temática. E por ser uma obra que trata da adolescência de uma forma diferente, cheio de questionamentos existenciais sobre diversos assuntos e mostra frustrações e toda a confusão de ideias e pensamentos que existem na adolescência.
- b) Especialmente a forma simples em que o livro é escrito, como uma espécie de diário, bem informal e cheio de intensidade. A revolta sobre tudo do personagem, e a forma com a qual o autor aborda diversos assuntos como palavrões, a pressão da adolescência e sexualidade na década de 1950, além da linguagem que dá vontade de não largar o livro até terminar de ler.
- c) Sim, como li na adolescência me identifiquei com o personagem em vários aspectos como a pressão da sociedade como um todo para que você siga o padrão que eles impõem e o fato dele criticar tudo, desde o sistema até as pessoas. Me identificava também com a frustração e angústia que o Holden sente na história.

Seção 8 – leituras com temática semelhante

- a) As vantagens de ser invisível
- b) Ambos os livros exploram a temática da adolescência, apesar da linguagem de as vantagens de ser invisível ser mais romântica, os personagens de ambos os livros lidam com eventos traumáticos como o suicídio de um amigo e não se sentem confortáveis e lidar com outras pessoas (Charlie é mais tímido e Holden mais revoltado). As vantagens de ser invisível tem a diferença em que a história é mais longa, já que o apanhador no campo de centeio se passa em um fim de semana, isso dá ao primeiro mais tempo para o amadurecimento de Charlie e mostra ele vivenciando várias experiências e se encontrando no fim enquanto o apanhador no campo de centeio traz na história mais dilemas existenciais. Acredito que os dois livros são marcantes e fazem refletir sobre nossa própria vida, e abordam temas polêmicos para cada época, e são importantes para o nosso entendimento da realidade e até podem mudar nossos conceitos.

8) Sonia

60 anos; sexo feminino; ensino superior incompleto; região sul. Leu a obra pela primeira vez em 1982, aos 25 anos (leitura espontânea).

Seção 5 – leitura espontânea

Amigos

Seção 7 – impressões e opiniões

- a) Achei meio fraco,mas não tive coragem de externar.
- b) Adolescente mimado.
- c) Não.Minha realidade era bem outra.

Seção 9 – considerações finais

Adolescente babaca

9) Antonio Ramos

40 anos; sexo masculino; ensino superior completo; região sudeste. Leu a obra pela primeira vez em 2000, aos 23 anos (leitura espontânea).

Seção 5 – leitura espontânea

Comentários de amigos.

Seção 7 – impressões e opiniões

- a) Gostei, mas não foi fácil.
- b) A estrutura narrativa. De certa forma as lacunas e o desfecho.

- c) Com um certo desamparo existencial.

Seção 9 – considerações finais

A leitura do livro acaba fortemente influenciada pela maneira que se tornou referencia cultural e creio que também pelas teorias da conspiração que envolvem a obra e o autor. Acho importante desapegar disto para apreciar a obra mais livremente.

10) Jéssica Silva

24 anos; sexo feminino; ensino superior incompleto; região sudeste. Leu a obra pela primeira vez em 2017, aos 23 anos (leitura espontânea).

Seção 5 – leitura espontânea

Eu li com base que esse foi o livro lido pelo assassino de John Lenon em qua ele alega que foram deixadas mensagens subliminares

Seção 7 – impressões e opiniões

- a) O livro tem uma melancolia forte, sempre que penso nele penso no outono na sensação do outono. O livro conta a história de um jovem perdido e bucólico que não sabe como lidar com a vida onde o espaço psicológico seguro é apenas ele.
- b) Os problemas pelos quais o personagens passam são os mesmos pelos quais passe os quando adolescente, me senti ligada e compreendida por ele.
- c) A sua solidão e o seu sentimento de não pertencimento, foi um alívio pra mim saber que não era a única a me sentir assim mesmo quão outro fosse apenas um personagem literário.

Seção 8 – leituras com temática semelhante

- a) Damian
- b) O apanhados no campo de centeio é mais bucólico, Damian é mais religioso ambos se preocupam em encontrar a si mesmos

Seção 9 – considerações finais

A presença do chapéu do personagem principal é quase um outro personagem em si,sua presença e muito marcante

11) Mariana

20 anos; sexo feminino; ensino superior incompleto; região sudeste. Leu a obra pela primeira vez em 2014, aos 16 anos (leitura espontânea).

Seção 5 – leitura espontânea

Pela quantidade de referências da cultura pop americana sobre essa obra

Seção 7 – impressões e opiniões

- a) Eu gostei muito da leveza como o livro se inicia, sua falta de pretensão. A depressão do personagem principal progride de forma montanhosa. Você só percebe o quanto ele está mal quando ele fica péssimo. Muito realista.
- b) Identificação
- c) Certamente. A tristeza se manifestando de forma abstrata. A tentativa de distração com interações, exaltação.

Seção 8 – leituras com temática semelhante

- a) As vantagens de ser invisível, As virgens suicidas, Complexo de portnoy, Nada, Garota de vidro.
- b) A representação de um sentimento (sem precisar dizê-lo). Nenhuma dessas obras usa a palavra "depressão", mas é o que você sente. É a manifestação.

Seção 9 – considerações finais

Esse livro faz falta

12) Joy

21 anos; sexo feminino; ensino médio completo; região nordeste. Leu a obra pela primeira vez em 2013, aos 16 anos (leitura espontânea).

Seção 5 – leitura espontânea

Eu estava interessada na época em ler livros clássicos, o que me levou a pesquisar na internet através de umas opções de um blog do qual não me lembro o nome me interessei pelo livro justamente pelo seu título.

Seção 7 – impressões e opiniões

- a) Foi uma leitura rápida, cada vez que eu leio ele novamente sempre tenho uma concepção diferente.. De início não entendia muito bem as ações do personagem.. com o passar da leitura fui me identificando.
- b) Eu estava em uma fase que estava terminando o ensino médio, então eu tinha relutância e medo do que viria depois.. às coisas foram perdendo sentido .. não estava ainda conformada com mudanças, não me sentia compreendida pelas pessoas, eu estava numa fase de crise existencial.
- c) Crise existencial, angústia, repulsa, medo de não se adequar à vida adulta, o carinho que ele sentia pela irmã mais nova.

Seção 8 – leituras com temática semelhante

- a) A redoma de vidro
- b) Característica: Crise existencialista Diferença: depressão

13) Daniela Menezes

32 anos; sexo feminino; ensino superior completo; região sudeste. Leu a obra pela primeira vez em 2016, aos 31 anos (leitura espontânea).

Seção 5 – leitura espontânea

Várias recomendações em jornais sobre as reflexões sobre a vida e a citação de que o assassino de John Lennon lia-o quando foi encontrado pela polícia.

Seção 7 – impressões e opiniões

- a) Independente do nível social, muitas pessoas podem ter crises existenciais. Com a vida financeira supostamente estável, a predisposição às crises existenciais pode ser maior, já que para o "pobre" os problemas financeiros são a maior parte de suas reflexões.
- b) Não chegou a impactar, mas a constatar o quanto podemos nos afligir ao analisar as motivações de realizações humanas.
- c) Não querer ser igual, buscar um outro estilo de vida e faltar coragem para tanto.